N.º 263 — 11.º ano

1-DEZEMBRO-1936 PREÇO - 5 escudos

portanto, quantos sofrimentos diferentes se pódem atalhar com a CAFIASPIRINA!

A Cafiaspirina elimina em poucos minutos, tanto as dores de cabeça, como as de dentes, ouvidos, o abatimento, etc.

A Cafiaspirina tornou-se conhecida no mundo inteiro pelo facto de conter, numa unica substância, remédio para tantos e tão variados males.

Até hoje, não foi ainda sequer egualada, mas tem sido muitas vezes imitada! Porisso, insista sempre na embalagem original com a cruz "BAYER".

Cafiaspirina

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado . . . . . . **12$00**
Cada volume encadernado . . . . **17$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 263 — 11.º
1-DEZEMBRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

APÓS sessenta anos de opressão castelhana, Portugal sacudiu as algêmas e mostrou ao descendente de Felipe II que o leão de Ourique não encontraria jaula capaz de o conter em obediência. Como bom visinho, nunca violou fronteiras, antes prestou auxílio precioso como os plainos do Salado podem documentar. Mas não lhe tocassem na sua soberania tão sagrada como a própria vida. Foi do atentado de 1385 que surgiu o prodígio esplendoroso de Aljubarrota.

No momento em que essa Pátria gloriosa derramava o seu sangue nos campos arenosos de Alcacer-Quibir, enfraquecendo tão assustadoramente que bem merecia os auxílios dos que tantas vezes lhos tinham recebido, Felipe II tentou o golpe

e o duque de Alba entrou em Portugal. Sessenta longos anos de sofrimento... Nisto a Pátria reage e expulsa para sempre os seus opressores... Decorreram os anos e tudo entrou na normalidade. Aljubarrota obtivera a mais eloqüente confirmação. O sonho de Felipe II era simplesmente ridículo, e tão ridículo que, um dia, sendo oferecida a um rei português a corôa de Espanha, êste rejeitou-a desdenhosamente, como objecto que nunca poderia interessar-lhe.

No entanto, bons visinhos, sempre respeitadores, mas cada um em sua casa. Festejamos a data gloriosa da Restauração da Independência de Portugal com a mesma firmeza que os nossos antepassados manifestaram há cinco séculos e meio acompanhando o Santo Condestabre.

Os alicerces deste glorioso Portugal foram cavados bem fundo pelo montante formidável de Afonso Henriques, tendo toda a primeira dinastia procurado cobrir de benefícios o sacratíssimo legado. Ante os cubiçosos — sempre os houve! — Nun'Alvares consolidou os fundamentos da construção da nossa querida Pátria. Orgulhemo-nos dela, e defendâmo-la até o nosso derradeiro sôpro de vida.

Hoje, mais do que nunca, é na nossa Pátria que devemos pensar.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Um aspecto de Madrid, após um bombardiamento aéreo. A popu'ação saindo dos abrigos na tremenda ansiedade que se calcula, em face da morte que a todo o momento esvoaça em todos os lugares

Soldados mouros na frente sul, aguardando fleumàticamente o momento de avançar. A guerra para êles faz parte da própria vida, não se preocupando a analisar horrores, nem a dissecar sentimentalismos

Soldados nacionalistas assestando as suas metralhadoras sôbre uma posição inimiga na frente sul. É dessa mocidade forte, corajosa, capaz dos maiores sacrifícios que a Espanha aguarda a sua libertação

A luta nas trincheiras que faz lembrar a Grande Guerra. A ânsia de redimir a pátria hade triunfar dos ataques marxistas que pretendiam afundar uma civilização muitas vezes centenária — a única que pode convir à felicidade da Espanha

Esta gravura representa ainda um dos deploráveis aspectos de Toledo. Veem-se cadáveres de milicianos junto dos muros de Alcáçar, no declive que vai ter ao rio Tejo. — *A' esquerda*, vêem-se soldados aguardando o momento de avanço com uma serenidade surpreendente. Dir-se-ia que estão em simples manobras de outono. Ora, juntando a esta serenidade, a valentia e a perfeita disciplina, a vitória é certa. É certo que a guerra espalha horrores, mas como evitá-los, se a guerra se tornou inevitável? Neste momento, os nacionalistas estão empenhados numa guerra santa

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Selvajarias marxistas que não podem encontrar classificação através das terras de Espanha. Vândalos destruindo imagens preciosas a golpes de picareta

Em Oviedo, a população formando «bicha» para a distribuição de géneros alimentícios. Por aqui se avalia a triste situação dêste povo que, no fim de contas, seria digno de melhor sorte. Que isto vá servindo de lição a todos os outros povos que, vivendo felizes, adentro da ordem e do respeito mútuo, possam sentir pruridos de se lançar na desordem, ao sabor de teorias tão balofas como enganosas.

Outro aspecto da selvajaria das hordas marxistas que, na sua insensatez, estão ferindo a pobre Espanha no coração. Quando soar a hora da redenção, deverão dizer aos bárbaros o mesmo que Jesus: «perdoai-lhe, não sabem o que fazem?»

Tropas marroquinas através das ruas de Oviedo, em direcção do novo «front». A luta prossegue cheia de sacrifícios e abnegação tendo os nacionalistas a plena convicção de que em breve raiará o sol da libertação para a sua querida Espanha. — *Em baixo*: os nacionalistas conduzindo víveres à cidade que se encontrava sitiada lutando com inquebrantável ardor durante dias e dias

Fotografia tirada, dois dias após a tomada de Toledo, na praça de Zocodover pelos nacionalistas. Por entre os destroços, cuida-se afanosamente de enterrar os mortos e tratar dos vivos

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O general Franco, tendo à sua direita o general Cabanellas, numa das últimas reüniões da Junta de Burgos. O heróico comandante supremo das fôrças nacionalistas agradece à multidão a entusiástica manifestação que lhe dirigem, confiando na próxima redenção da pátria espanhola

Um soldado nacionalista transportando ordens do comando na estrada de Madrid indiferente ao fogo das metralhadoras marxistas. Adentro da boa disciplina, ordens dadas, são ordens cumpridas

Fôrças moiras, aguardando o momento de avançar, com a maior fleugma e serenidade. O plano traçado pelo estado maior nacionalista há-de realizar-se inteiramente, a-pesar-da louca resistência dos que sem réstea de patriotismo nem amor da família, se empenham na destruïção da Espanha

Fôrças nacionalistas, tomando posições em Navalcarnero. Após um encarniçado combate, os legionários, afrontando o fogo dos marxistas, avançaram, opondo a barreira dos seus peitos corajosos

Uma fase da luta nos arredores de Madrid. As tropas nacionalistas, a coberto da vegetação, vão conquistando, palmo a palmo, terreno aos seus adversários. Numa tenacidade terrível, implacável o avanço continua. — A' direita: as fôrças nacionalistas numa trincheira de Navalcarnero, abrem um fogo intenso que atinge em cheio as posições marxistas. Com tal ardor que, dia a dia, mais se intensifica e recrudesce, a vitória que sempre tem sorrido às fôrças libertadoras da Espanha

A guerra civil em Espanha

Um dos últimos retratos do general Franco que está dirigindo o ataque a Madrid. — *A' esquerda:* O aspecto da cerimónia da benção das armas, no acampamento nacionalista. As tropas, antes da partida para a frente do combate fortalecem a sua fé, seguindo o exemplo dos seus gloriosos antepassados

O campo do aeródromo de Getafe que as fôrças nacionalistas tomaram e que se encontrava dinamitado. Só por uma simples casualidade não se deu a terrível explosão que teria custado muitas vidas. Como se vê, com método, fleugma e bravura, as legiões libertadoras vão tomando terreno, nada havendo que possa deter-lhe a sua marcha triunfal

Em Madrid, a multidão observa os aviões nacionalistas que voaram sôbre a cidade lançando proclamações do general Franco que, ainda num gesto de piedade, aconselha os madrilenos à rendição. É que o generoso comandante em chefe das fôrças nacionalistas compreende bem que a população de Madrid não pode teer culpa dos excessos daqueles que se arvoraram em governantes com sugestões moscovitas. Daí a sua paciência para evitar esfacelar a desventurada e malparada cidade. — *A' direita:* Um barco governamental atacado por um hidroplano nacionalista em pleno Mediterrâneo. Emquanto o barco se afunda, o aparelho aéreo, como um símbolo, voa em direcção à terra prometida. E assim vai prosseguindo esta luta sangrenta que não tardará a ter o seu desfecho, para honra dos que se batem pela verdadeira causa

ARREDORES DE LISBOA

Dos calmos Estoris à formosa Sintra

A população de Cascais condenada a morrer à sêde?

Sintra — a sempre formosa

DESCEMOS em S. João do Estoril.

Passamos Lapraia, fidalgo solar de canteiros, que reside ali perto numa doce colina.

Logo deixamos a estrada, e, para Bicesse, cortamos pelos montes, cobertos de sargaço florido.

A serra desdobra-se ao fundo, recortando no azul o seu suave perfil.

Pau Gordo, à direita da estrada que retomamos, é uma aldeia saloia, tôda em velhas casas, cobertas de telha mourisca. À roda almoinhas, abandonadas quási. Valadando, piteiras e figueiras da Índia. Perto, pequenos quadritáteros de olival e vinhedo, exíguos hortejos, favais, leiras de cevada e trigo.

À borda dum ribeiro, afogado em caniçais, terra lavrada de fresco, em que o milho aponta. Aqui e além, tufos arbustivos. Manchas de pinhal. E raras árvores heráldicas, como êste freixo secular, sombreando a entrada duma quinta.

Passam gericos carregados de trouxas de roupa — as lavadeiras na garupa.

Entramos em Bicesse. À direita uma casa antiga. A seguir um solene portão; rematando, uma cruz de Malta. Um rapazinho vem para nós, saltando e rindo. Querem dar-lhe uns tostões, mas êle fica muito sério — sèriamente ofendido.

Não quer dinheiro...

Tem graça!

Mostra-nos a sua casa, sôbre uma limpa quinta, plantada de árvores de fruto.

Começa aqui uma viela? Mas, no cunhal, letras bem visíveis dizem: — Avenida da Liberdade! O pequeno Henrique acompanha-nos até ao fim do povoado. Todos abraçamos, à despedida, o desinteressado *cicerone*...

No alto de Bicesse, paramos junto dum moinho em ruinas.

Lá em baixo, entre pinhais, á beira-mar, os Estoris repousam.

A Serra parece ter avançado para nós, acordada cedo pelo sol. E, desde os cimos, tôda se revela e se dá, a luz varrendo as chapadas, penetrando depressões, devassando sombrios recessos.

Na campina verde florescem pampilhos, em grandes toalhas de oiro. Rebanhos de ovelhas vagueiam. E as vacas levantam a cabeça e fitam-nos um momento com seus olhos sonâmbulos...

Mas por tôda a parte a penedia rompe e balisa. Muros de pedra solta abrigam pequenas culturas. Já espigam os centeios. Espanejam tremoçais a sua flor lilás.

Pórtico do Palácio da Pena

Gente que sacha milho. Como vão lentamente!...

E todos os povoados, rentes á terra, têm o mesmo ar de passividade, resignado, fatalista. Penetradas de sangue mourisco, na paìsagem até as aldeias se espreguiçam.

Pelos taludes da estrada arrastam-se choupos, que a ventania forçou.

Endireitamos para Penha Longa por um caminho velho. É a charneca plena, coberta tôda de tojo e carrascal. E, no meio do descampado, só, um palácio desmantelado!

Desviamos o olhar, fugindo ao mistério que porventura encerram essas paredes nuas, sem sombra de vivos, sem o abrigo de uma árvore sequer.

Junto do caminho, sôbre um velho forno de cal, cresce um freixo novo; no portal viceja, fresca, uma videira, e a hera lança os seus festões pelo apagado lar.

Estabelecimento termal

Chegamos à Ribeira da Penha Longa. um solar, sob grandes plátanos. É a moradia do sr. José Vicente... No seu vasto pátio nenhuma equipagem de luxo, dessas que ali viram gerações passadas; tudo se foi; carros de lavoura ali têm hoje o seu logar.

E entramos, adiante, na quinta da Penha Longa por uma alameda de cedros, oliveiras, e eucaliptos. Culturas em socalcos. Muitas árvores de fruto: lindas nespereiras, grandes nogueiras... E medronheiros. Raizames de floresta se entralaçam na vereda; rebentam da penedia negrilhos, álamos, sobreiros. Ao lado uma ribeirinha vem correndo sôbre um leito de verde limo, formando alegres cascatas.

Chegamos ao antigo convento da Nossa Senhora da Saúde, fundado pelos monges de S. Jerónimo que, sob o patrocínio de D. João I, se estabeleceram em Portugal.

D. Manuel, o infante D. Luís, D. Henrique e D. Sebastião o engradeceram depois. Reis e príncipes por aqui espaireceram grandes dôres (que a condição de senhor da terra não isenta de desgraça que vem do céu).

Palácio e convento, granja e quinta de recreio, a Penha Longa tem muito que ver, e por ela vale a pena uma digressão a êstes sítios. Vamos nós muito apressados, querendo galgar a Serra, antes de maior soalheira. Por isso só me fica a impressão dum grande edifício todo branco, de plátanos, rodeado de fontes e de tanques em que os cisnes divagam. Branco, verde e oiro...

Passamos um arco, atravessamos um jardim, passamos entre pomares. Depois tomamos à esquerda por uma estrada que conduz às cumiadas... Vai coleando os vales, cobertos de fetais em que as águas marejam. Já o calor sufoca. E o pó cobre a copa dos pinheiros mansos que, assim, parecem monstruosos cogumelos arbóreos. Cristas de penedia desafiam, do cimo dos outeiros e das colinas.

À esquerda um extenso vale. Para o sul, tôdas as terras até Alcabideche.

E os Estoris? Cascais? Além do Cabo Raso e do farol da Guia só se avista o Oceano...

Passam dezenas de carros com toros de pinho. A floresta vai sendo aqui destruida implacavelmente.

Ao contrário, o que era preciso era arborizar. Se a Serra se não cobrir tôda de arvoredo, dentro de poucos anos a população do conselho de Cascais morrerá à sêde.

A bela cidade, que se lança da praia de Carcavelos à praia do Guincho, sentirá abalar seus fundamentos: suas raizes hão-de secar, a magnífica flor tombará.

Na Baía Azul as ondas clamarão o abandono, batendo as desertas arribas...

Paramos juntos duma ponte que ainda há pouco espalhava um terno docel de ramarias. Agora a cercam apenas três oliveirinhas tristes, plantadas por mão piedosa.

À nudez do solo o feto vai vestindo...

Saímos a quinta da Penha Longa, chegando ao alto da Serra. Pinhais novos, frondosos cupressos, carvalhêdos.

Logo, pela estrada, vamos dar à quinta Val-Flor. Desandando à esquerda, de novo o mar se avista. E, descendo, através do arvoredo eis a Pena, como numa cenografia.

....

Burros pastando. E um cavalo solitário, numa eminência, isolado, é um chefe natural; sente-se verdadeiramente rei. Relincha, como quem comanda...

Uma cotovia sobe. Que longo canto! Que requebros! Vai perder-se de vista, e ainda se está ouvindo. É já uma voz do ceu... Mas de súbito abate, como se tombasse ferida. Atira-se do ar; é um voluptuoso trespasse a sua desamparada queda; o seu gorgeio é uma deliciosa agonia...

Lopes de Oliveira.

O velho Castelo dos Mouros

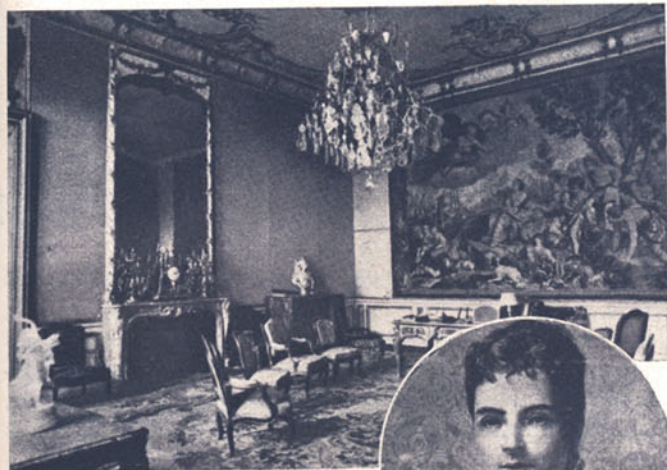
Vista do Monte Estoril

ACTUALIDADES DA QUINZENA

No Centro do Bom Sucesso realizou-se a comovedora cerimónia de homenagem aos mortos da aviação naval. A nossa gravura apresenta o sr. ministro da Marinha, almirantes, aviadores e famílias, durante a leitura dos nomes dos herois mortos. — *A' direita:* A irmã de Sacadura Cabral depondo flores na base do monumento comemorativo da primeira viagem aérea que êste glorioso aviador, Gago Coutinho e Ortins Bettencourt realizaram à ilha da Madeira

Passando o 476.º aniversário da morte do Infante D. Henrique, a Sociedade de Geografia comemorou esta data com uma sessão solene. A nossa gravura dá um aspecto da sessão quando o tenente Gomes dos Santos discursava. — *A' direita:* A inauguração do novo ano lectivo no Instituto Superior de Agronomia, a que presidiu o Chefe do Estado, tendo à sua direita os ministros da Educação Nacional e das Colónias e o dr. Azevedo Neves, e à esquerda o ministro da Agricultura e engenheiro André Navarro

Inauguração do Instituto de Cultura Religiosa, tendo presidido o sr. Cardial Patriarca que proferiu um eloqüente discurso em prol da propagação da fé. — *A' direita:* A visita do ministro da Itália em Lisboa à Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Desde a funesta conflagração europeia que os ministros do grande país latino tomam esta visita como uma obrigação tradicional. Por isso, o sr. Francesco Mameli quis manter esta simpatica tradição que a todos enobrece

AS BODAS DE UMA PRINCESA

Uma sala do palácio Matignon. — No medalhão: A princesa D. Maria Amélia d'Orléans.

NA minha última visita a Paris, ao passar na rua Varenne, achei que o vetusto palácio Matignon, que eu conhecera tão sossegado como um túmulo, apresentava um movimento enervante. Teriam regressado os Orléans? Não. Havia-se transformado simplesmente no palácio da presidência do Conselho.

As voltas que o mundo dá!

No fim de contas, que êsse palácio gisado pela magnificência aristocrática para abrigar as cabeleiras empoadas dos grandes senhores e os longos vestidos de folhos das marquesas, servisse agora para os conciliábulos do S. F. I. O., pouco ou nada poderia interessar ao estrangeiro que por lá passasse em mera digressão turística.

E' que êsse palácio Matignon evoca algumas recordações de Portugal, visto ter sido habitado pelos condes de Paris, e ser dali que a princesa D. Maria Amélia de Orléans saiu para vir casar em Lisboa com o príncipe D. Carlos, herdeiro do trono português.

Apenas por isto é que me detive uns instantes a contemplar a imponente moradia dos duques de Galliera que sempre andaram estreitamente ligados à casa de Orléans. Que o filho do penúltimo proprietário do velho palácio tivesse sacrificado o título e o lar paterno para dar largas às suas tendências ideológicas, pouco ou nada me poderia interessar. Se a casa era sua, cabia-lhe o direito de fazer dela o que entendesse.

O que me prendia a atenção era a lembrança dos tempos idos, em que uma formosa princesa saíra dali, num lindo dia primaveril, com destino a Lisboa, onde, após alguns anos de ventura, havia de colher as mais cruéis desilusões.

Soube então que na véspera da partida da princesa D. Amélia para Portugal, o conde de Paris, seu pai, dando largas à sua magnificência de pretendente ao trono da França, dera nesse palácio uma festa tão esplendorosa que fazia recordar a antiga côrte de D. Luiz XIV. E — caso curioso! — esta festa monárquica foi, não só consentida, mas auxiliada pelas autoridades republicanas! Um dos convidados, Mr. Ludovic Halevy, evocando êste acontecimento que teve retumbância em todo o mundo, deixou escritas no seu diário ainda inédito algumas linhas significativas. Depois de salientar a honra que tivera em ir "à la soirée d'adieu de la princesse Amélie, à l'hôtel Galliera„, explicava que "cette fête monarchique se donnait avec le concours

D. Carlos I, de Portugal

de la police républicaine... Les voitures faisaient queue sur deux rangs... des nuées de sergents de ville, un ordre parfait. Dès qu'on était entré dans l'hôtel, on n'en vit, jamais on n'en verra de pareille. Jamais plus long défilé, plus éclatant, plus endiamanté...„

Calcule-se o esplendor!

Em pé, à porta do primeiro salão, a condessa de Paris em vestido azul rutilante de pérolas, recebia as homenagens dos convidados que o marquês de Beauvoir, mestre de cerimónias ia anunciando com a sua voz pausada e grave. As homenagens iam, em seguida, para a formosa noiva, a princesa Amélia d'Orléans, que no seu vestido de setim e tule, realçava como uma rainha.

Desfilavam príncipes, duques e grão-duques pertencentes a casas reinantes, embaixadores, generais e parlamentares, almirantes e magistrados e em meio desta massa hetorogénea, Rothschild, Pasteur, Alexandre Dumas, Victorien Sardou, Detaille, Ephrussi. Nem a nobreza do Império faltava, representada pelo duque de Morny.

Esta multidão resplandescente comprimia-se no salão central a fim de admirar as prendas de noivado que os espelhos animados por milhares de luzes faziam brilhar mais ainda. As côrtes europeias, os príncipes de duas famílias, os grupos realistas tinham mostrado o mais requintado bom gôsto nas prendas depostas aos pés da noiva.

Os convidados dispersaram-se, em seguida, pelo parque "Versalhes e o Trianon reunidos em pleno Paris„ como um cronista mundano afirmara com infinita graça. Efectivamente, aquele parque era o verdadeiro lugar para tais festas com as suas árvores imensas, a sua relva, a sua gruta, as suas cascatas luminosas e a sua quinta para cenas pastoris de opera-cómica. Luzes e violinos encantavam o ar da noite.

Dançava-se animadamente.

Mas a música tão docemente executada nessa noite, naquele recanto de paraíso, não agradou muito ao sr. Grevy, Presidente da República, nem ao sr. de Freycinet, Presidente do Concelho. Chegaram mesmo a franzir as sobrancelhas ante as manifestações realistas multiplicadas no curso daquela festa que os embaixadores acreditados junto da República Francesa tinham honrado com a sua presença.

Para mais, os jornais relatavam a festa, dando-lhe foros duma verdadeira cerimónia oficial na côrte francesa.

Assim se explica que, durante o casamento celebrado em Lisboa, o govêrno francês fizesse votar nas Câmaras o famoso projecto de lei expulsando os príncipes de Orléans do território da França.

Calcule-se, portanto, as recordações que o velho palácio Matignon tem para Portugal!

Y. L.

Oliveira Martins

A o despontar da Primavera de 1886, correu com insistência que o ilustre escritor Oliveira Martins seria chamado ao poder a fim endireitar as malfadadas finanças portuguesas.

A notícia correu célere através do país inteiro, provocando discussões acaloradas nos botequins, e amargos comentários nas gazetas.

Oliveira Martins, o filósofo de alma sã, é que estava indicado para pôr as coisas no são.

Nessa altura, Guerra Junqueiro vivia em Viana do Castelo, desempenhando as funções de Secretário Geral do Govêrno Civil. Como constasse o próximo advento do autor do "Portugal Contemporâneo», Junqueiro não teve dúvida em prometer ao jornal local "Aurora do Lima» um artigo sôbre o caso. Unia os dois escritores a vigorosa convivência que viria a dar o grupo dos "Vencidos da vida».

É o sr. Bernardo Silva, actual director da "Aurora do Lima», que revela êste episódio numa interessante entrevista concedida a Rodrigo Abreu, erudito director do "Almanaque de Ponte do Lima».

— "Nesse tempo — relatou o venerando jornalista — artigo anunciado tinha a fôrça duma escritura, não podia deixar de publicar-se. Mas, à hora em que o jornal tinha de entrar na máquina, não havia notícia do que já fôra anunciado. Era já noite alta, a passar para a madrugada, e, como nada viesse, mandaram-me procurar o dr. Guerra Junqueiro, que fui encontrar, sòzinho, na Assembléia, lendo jornais e tomando cerveja. Anunciado, dizendo ao que vinha, mandou-me entrar e observou que nada tinha feito, mandando-me, porém, esperar. Ali mesmo, recostado na sua poltrona, alinhavou depressa uns linguados, com gatafunhos quási ilegíveis, que me entregou, correndo eu logo à redacção para se não atrasar mais o jornal. Juntamente com Damião e Barbosa Pinheiro conseguimos compôr êsse artigo famoso, e, de manhã, lá fômos à rua da Bandeira levar a prova a casa do autor, que nos recebeu na cama, e, lido o artigo, me preguntou:

"— Olhe lá: eu escrevi isto?»

— Sim, senhor — respondi — ontem na Assembléia, à minha vista».

— Pois não me lembra — replicou — mas acredito . . . ».

Seria pena perder êste bloco de boa prosa que se encontra perdida nas colunas do glorioso jornal minhoto.

Eis o famoso artigo:

OLIVEIRA MARTINS

Se todos os candidatos fôssem como êste, podia-se fazer desde já uma linda economia no orçamento: reduza-se a 12 o número dos círculos eleitorais.

Outra economia ainda: êsse poder legislativo seria ao mesmo tempo executivo, sem aumento de ordenado. E o poder moderador, por êsse facto, tornar-se-ia (que bela coisa!) um simples e gracioso poder de moderação.

Desta forma, com 12 legisladores como o sr. Oliveira Martins, em vez duma câmara... óptica, em que a imagem do senso comum é quási sempre reproduzida de pernas para o ar, teríamos um verdadeiro apostolado nacional, sem o apóstolo que se enforcou (que safardana ingénuo!) por ter *desviado* (sejamos parlamentares) uns trinta insignificantíssimos dinheiros.

Êsses apóstolos hoje são muito mais práticos. Quando vendem o Mestre, vendem-no mais caro, põem o dinheiro a juros, e não se enforcam: — engordam.

Nos últimos tempos entre os partidos monárquicos de Portugal quási não podia estabelecer-se uma delimitação de fronteiras. Havia-se dado entre êles uma espécie de endosmose e exosmose, que, salva a aparência da tabuleta, os tornava no fundo perfeitamente idênticos e similares. A mesma droga com rótulos diferentes. Eram como aquele charlatão que numa feira vendia vinho e vinagre da mesma pipa. O vinho por um lado e o vinagre por o outro. As torneiras eram diversas: o campeche era o mesmo.

A benevolência chegara até ao relaxamento e o relaxamento até à cumplicidade. Não insistamos.

Eu não estou falando em nome dum partido, duma colectividade. Falo em meu nome: portanto, claro.

Oliveira Martins entrou para o partido progressista, introduzindo nele uma larga

A POLÍTICA HÁ MEIO SÉCULO

Guerra Junqueiro e Oliveira Martins

nos belos tempos em que mantinham boas relações

corrente de idéias, prática e fecunda. O seu programa é êste: eliminar da vida política o cepticismo corrupto e o jacobinismo doutrinário, e dentro das instituïções que por enquanto nos regem, organizar e desenvolver tôdas as fôrças da riqueza pública, tôdas as fôrças do trabalho nacional — desde a fábrica até à lavoura, e desde a lavoura até à escola. O sr. Oliveira Martins, se o não inutilizarem, ou se êle se não inutilizar, há-de vir a ser num futuro próximo um estadista de primeira ordem. Reúne para isso tôdas as condições. Primeiro que tudo é um homem honesto, um sincero, um crente. A sua vida particular, tôda feita de trabalho, de honradez e de dedicação, pode ser exposta num praça pública à luz rutilante do sol do meio dia, para exemplo e vergonha de quási todos nós. Num país de conselheiros, de poetas e quarenta-maiores-contribuintes, êle conseguiu pelo seu simples e heróico esfôrço individual tornar-se o homem predestinado sôbre quem a sua pátria tem os olhos fitos, à espera de um redentor (dos nossos tempos) para a redimir de todo êsse carnaval mortuário que vai desde o Terreiro do Paço até aos adros das mais obscuras freguesias sertanejas.

Oliveira Martins é um espírito extraordinàriamente complexo. É um idealista e um economista. Vive conjuntamente no seu tempo e na sua hora, no seu mundo e na sua rua. Conhece o passado, conhece o presente, e deve conhecer, pelo menos um pouco — o futuro. A história humana é um imenso círculo vicioso, isto é, — cheio de vícios.

Oliveira Martins é um grande anatomista e um grande psicólogo, que num anfiteatro enorme disseca e analisa imparcialmente, implacàvelmente, o corpo e o espírito quer duma sociedade, quer duma nação. É ao mesmo tempo um telescópio. Vê o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. Vê César e o sr. Fontes.

Em Portugal até aos 20 anos de idade, pelo menos dez por cento dos portugueses tem tido sarampo e um livro de versos. Juntando a essas enfermidades uma carta de bacharel, um despacho de deputado e 4 discursos (vidè Cavalo Branco) está-se imediatamente pronto para gerir ou digerir qualquer das províncias da pública administração.

Um poeta, cujo Pegaso bem inspeccionado por intendente de pecuária comece a revelar sobrecanas burocráticas ou alifafes do Tribunal de Contas, o que é que faz?

Faz-se ministro, aluga uma tipóia ao mês, e 2 plumitivos de secretária à hora, e entrega o Pegaso reformado às marialvices chouteantes dum correio eqüestre, que galopa durante seis meses atrás da tipóia ministerial, com uma grande pasta marroquim, cheia de asneiras debaixo do braço.

É imbecil. Situação, que numa opereta de Offenbach seriam inverosímeis, são em Portugal perfeitamente lógicas e correntes.

É necessário duma vez para sempre acabar com êste estado de coisas lírico-carnavalesco. O folhetinista que faça folhetins, o poeta que faça versos e o romancista que faça romances. Cada um no seu ofício.

Se Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Eça de Queiroz, João de Deus, Ramalho Ortigão, etc., se dedicassem à política, teríamos dentro em pouco e ao mesmo tempo, não só o pior dos ministérios, mas a pior das literaturas.

Em Portugal um boticário pode ser ministro da guerra, ou um Bozorra qualquer ministro da justiça. E é por isso que Bordalo Pinheiro é o Tácito alegre desta fúnebre entrudada nacional.

O "António Maria» e os "Pontos nos i i» são simplesmente a continuação de Fernão Lopes! O "Diário do Govêrno» é a caricatura. O retrato é o "António Maria».

* * *

Oliveira Martins conseguirá, ou não realizar o seu ideal? Não sei...

Mas aquilo de que eu tenho a certeza é que, vencido ou vencedor, êle sairá de todos os conflitos, de tôdas as batalhas e de tôdas as crises, inteiramente honrado e inatacável.

Dizem que vai ser ministro àmanhã. Sabe-se isso. E os *amigos*, em confidência, lamentam ao ouvido — que êle antes de ser ministro uma vez não tivesse sido 4 ou 5 vezes deputado...

Portugal é um enfermo e o sr. Oliveira Martins um médico. A doença é crónica e é grave, mas ninguém como êle saberia tratá-la, porque conhece como ninguém a vida e o temperamento do doente.

Dentro de meses estará talvez o sr. Oliveira Martins à cabeça do moribundo. Oxalá que o deixem receitar, e que o agonizante lhe queira tomar o remédio.

J.

O CAUTELEIRO

AGRICULTURA

— Quem acaba o resto?
— É uma pasta de trez vintens que tem regeitada da «Provincia»...

A página dos «Pontos nos ii» em que se vê Oliveira Martins recusando a pasta que José Luciano lhe oferece

Guerra Junqueiro nos seus belos tempos de Viana do Castelo

O artigo, como se vê, era assinado por um *J.*, dando a impressão de que o excelso poeta previa a azêda questão que o havia de separar das boas graças de Oliveira Martins, mentor supremo do jornal *Provincia* que tão cruelmente o vergastou em lances rudes e memoráveis.

Afinal, a candidatura de Oliveira Martins não foi avante, graças à intriga política que então fervilhava em proveito de Emídio Navarro, o fogoso jornalista que, tendo transformado a pena em estadulho, era um adversário de temer. Melindravam assim o filósofo demolidor que, após várias hesitações, se decidira enfileirar no partido progressista. José Luciano ainda tentou emendar a mão, criando expressamente para Oliveira Martins a pasta da Agricultura que até então fôra considerada inutil.

O autor do «Portugal Contemporâneo», vendo-se preterido por Emídio Navarro, recusou a compensação que lhe ofereciam, e regressou ao Pôrto, onde, apesar de tudo, davam maior aceitação aos seus méritos. Levava a alma cheia de fel. Não lhe tinham reconhecido o valor, quando a adopção do seu programa revelava nitidamente — tôda a gente o dizia — uma fase redentora, uma vida nova.

Valera-lhe bem a pena aderir à monarquia, na intenção de salvar o país!

Á semelhança de Afonso de Albuquerque, o filósofo desiludido poderia dizer também: "de mal com os homens por amor de el-rei, de mal com el-rei por amor dos homens!»

Gomes Monteiro

RETRATO EXACTO DE UMA MULHER

HANNAH SEQUERRA

Harrah Sequerra

Faz hoje um ano que faleceu Hannah Sequerra, cujo nome todos os que, em Lisboa, um dia, necessitaram, têm sempre presente.

Hannah Sequerra, cuja vida foi um exemplo de trabalho e de amor, milagre de amor, era uma figura popular em certos meios de Lisboa, meios que ela vizitava, estudava e socorria.

De uma grande inteligência e cultura, inglesa pelo nascimento e portuguesa, pelo convivio, ambiente social, parentes próximos, quarenta anos de adaptação. A sua figura, curvada pela doença, olhos fixos, quási sem brilho, paira, ainda, junto de todos os que a conheceram.

Vivi junto dela nos últimos quatro anos da sua existência, colaborando nalgumas das suas obras de caridade, colaborando com alguns dos seus gostos, cujo dinanismo a minha mocidade acompanhava a custo.

Hannah Sequerra foi uma mulher extraordinária. Dedicou tôda a sua vida a cimentar, e a cuidar da vida alheia; a fugir da sua vida, quebrada, mutilada pelo sofrimento, receosa de furtar algumas horas àqueles que dela necessitavam.

Quando a conheci, vergada pela idade, apesar da doença que implacavelmente a despedaçava, os seus olhos conservavam, ainda, brilho de vida, últimos raios de um solpoente intranquilo; adivinhavam-se neles vagas agonias sentimentais.

Hannah Sequerra, descendente de uma das mais velhas famílias portuguesas, que, os atropelos religiosos fixaram em Inglaterra, tudo compreendia e perdoava.

A sua missão na vida traduzia-se em remediar o mal que os outros causavam, ou as injustiças da vida; ou, ainda, os atropelos que a vida semeava na existência dêste ou daquele.

Derramava carinho o seu convivio. As horas passavam despercebidas, ouvindo-se a sua conversa, culta e cativante.

Escrevia com uma rara facilidade. As suas cartas tinham recorte literario, beleza de forma, justeza de expressão, interesse, aqui e além uma nota de cultura, certa ternura que transudava das próprias palavras, expontaneamente, viajada, habituada por nascimento aos grandes meios sociais, refletia, com exactidão, nas suas conversas, o ambiente cosmopolita, que empresta ás pessoas e ás coisas uma atmosfera de Europa civilizada.

Em centenas de cartas, escritas com requintada sensibilidade e elegância, dirigidas a pessoas amigas, fixou centenas de páginas de memórias.

Hannah Sequerra, que a morte ceifou aos sessenta e poucos anos, era uma mulher encantadora, a mulher mais aristocráticamente inteligente que a minha sensibilidade tem conhecido.

A sua figura meio arqueada; os olhos, toldados por um brilho embaciado, luz coada através um vitral; os seus cabelos brancos, lembrando fios de luz no gêlo, tinham um encanto raro.

Quantas noites, vão passados três anos, fiquei a ouvir a sua conversa, evocação de figuras que passaram pela sua idea, politicos, literatos, pessoas de todas as categorias sociais; certo político inglês de grande envergadura... Recordo-me ainda com exactidão, de uma escritora inglesa, cujo único interesse residia no retrato que Hannah Sequerra admiravelmecte traçara da sua figura caricata, de literata deformada pela sua própria obra.

Era quási um motivo de arte ouvir conversar esta senhora. A musicalidade da sua voz, a ternura que emoldurava todas as suas frases, o tom acariciador das suas palavras, a catequese que os seus olhos praticavam, tornavam-na um elemento insubstituivel no sector caricativo de Lisboa, o qual só os iniciados conhecem.

Quantas vezes, em dias outonais, patinados pela saüdade, quando a vida me devolve a mim próprio, ou quando em dias toldados por uma profunda nostalgia, procuro o êrro nos jardins ou cais de Lisboa, recordo entre os meus mortos, sombras que me acompanham sempre, a vida extraordinária de Hannah Sequerra, e tenho pena daqueles que as suas mãos amparavam, e agasalhavam durante o inverno.

A sua presença deixou dentro de mim uma grande saüdade; deixou em tôdas as pessoas que privavam com esta senhora um vácuo difícil de preencher.

Recordar é evocar a morte, a morte das coisas ou dos sêres.

Faz hoje um ano — é primavera. Há saüdades nos canteiros, nos jardins.

Recordar Hannah Sequerra é mais que evocar a morte, é evocar a própria vida.

Augusto D'Esaguy.

OLAVO BILAC

PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS

Olavo Bilac

Vai passar mais um ano sôbre a morte de Olavo Bilac, o excelso poeta brasileiro que ainda hoje nos deslumbra com os seus prodigiosos sonetos da *Via Lactea*.

Quando em 1913, Olavo Bilac foi eleito príncipe dos poetas brasileiros, houve alguem que, alinhavando uma crónica, entrou assim no assunto:

"Chegou a nossa vez. Tambem temos um Príncipe dos Poetas. Mas, o curioso é que, depois da França, só o Brasil possui um principado na Poesia. Nenhum outro país da Europa ou das Américas sentiu, até êste instante, a necessidade de contá-lo como das suas preciosidades. Entretanto, ha centros literários no Velho Mundo que se não podem comparar com o nosso, de um desenvolvimento assombroso, forte, com uma poesia florescente sempre, uma literatura moça, e em cujo seio, que me conste, nunca se falou em imitar o gesto dos poetas da *rive gauche* da "Cidade-Luz„.

Não sabemos o que Olavo Bilac teria dito a êste introito, se é que o leu... Mas, por muito laudatório que fôsse, não deixaria de lamentar que o cronista ignorasse a existência de Camões, o Príncipe dos Poetas Portugueses, que, sendo émulo de Homero e Virgílio na poesia épica, é o maior lírico de todo o Mundo e de todos os tempos.

Recordemos uma das mais belas passagens do discurso que Olavo Bilac proferiu por ocasião do banquete da *Atlantida*, e pela qual se prova que o amor das duas Pátrias se confundia para êle no mesmo sentimento de ternura e de admiração:

"Falemos da vossa literatura que é a minha, espelho vivo, e vivo resumo da nossa civilização. E falemos do futuro da nossa raça.

"A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso dos sete séculos. Vejo-o, trémulo fio de água, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbarie brava e intensa, desordenadamente viçando sôbre as ruinas dos templos da civilização romana devastada: — os primeiros trovadores portugueses, as lendas medievais, e Vasco de Lobeira, — o admirável "Amadís de Gaula„, onde transluzem as grandes virtudes da raça, a fôrça e a generosidade, a fúria e o lirismo, o desinteresse e a fidelidade da cavalaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma português separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores... Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergástulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha líquida o infinito azul do céu. E' a era clássica: três séculos de fecundidade e de magnificência: os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. Ás margens do curso risonho, rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo desliza a corrente frêsca, ressôa; cornamusas e charamelas enfeitiçam o ar com a sua harmonia ingénua; povoam-se os prados de bucolistas, de novelistas de Cavalaria, de rimadores de pastorais. E' a idade da graça e da inocência, a primavera da língua, a puberdade da raça. Mas, embreve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e majestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, aprestando-se para a próxima crise. É o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o teatro; surgem os autos e as farsas; e Sá de Miranda, Ferreira e a Pléiada dão sangue e fibra ao idioma já feito. E ei-la, de repente, a crise... O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se e escava-se. E a massa formidável das águas eleva-se, roda no ar, cascateia em rebojos rutilantes precipita-se em mós atroadoras, ganha o espaço em saltos, em rugidos, em remoínhos, em vórtices, e rebôa, e desaba, e cai, no auge da fôrça, no suprêmo poder do sangue e do génio: é Camões que enche o século. A calma, em seguida, e o remate e o pulido da obra: o seiscentismo, o culteranismo, e a Arcádia; as tragi-comédias, e as comédias; o apuro da idealização, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elísio, a métrica incomparável de Bocage.

Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo tributo dos afluentes do Romantismo francês, como antes acolhera o subsídio dos acorrentes da Renascença Italiana: os dramas românticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultra-românticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e depois o naturalismo de Eça, e enfim, o moderno lirismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na foz imensa, no radiante estuário. Alongo os olhos para todos os lados, e não vejo raias no horisonte sem fim. Vejo apenas as águas... E vejo-vos, admiro-vos e amo-vos, meus mestres e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triunfais dêste glorioso rio da nossa civilização!„

Eis, pois, como Olavo Bilac entendia a literatura portuguesa que tem por príncipe o imortal Camões.

Não esqueçamos tambem aquêle seu formosíssimo soneto dedicado *Á língua portuguesa* e que todos devemos saber de cór:

Última flor do Lacio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saüdade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "Meu filho!„
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O génio sem ventura e o amor sem brilho!

Quem amou assim a língua portuguesa não poderia ter ficado lisongeado com o elogio balofo de quem, para o incensar sem talvez o ter lido nunca, mostrava ignorar que Luiz de Camões é o príncipe dos poetas portugueses.

E daí — quem sabe? — talvez o insigne cantor da *Via Lactea* não tivesse dado pelo disparate, entretido talvez a *ouvir estrelas*...

São as estrêlas que nos falarão agora daquele espírito cintilante.

Mais um ano sôbre a morte de Olavo Bilac, o glorioso príncipe dos poetas brasileiros que tanto nos quis!

As feiras e os seus encantos

O único divertimento de quem leva a vida a moirejar, de sol a sol...

O almôço da tia Rosa e o seu homem

As feiras com a sua alegria esfusiante, o seu ruído e o seu tumulto são necessárias ao nosso povo provinciano como o pão para a boca. São êstes, a bem dizer, os seus únicos divertimentos. Ir à feira é o mesmo que ir para uma festa em que todos se fartam de divertir. Veste-se o melhor fato e — ala! — a caminho do mercado. Comprar o quê? Nada. Mas para que não se possa dizer que se foi ali perder o tempo, compra-se uma réstea de alhos, um púcaro ou uma colhér que, a todo o tempo, podem ter a sua utilidade.

Quem vive metido numa aldeia, moirejando sol a sol, abafado por cêrros encristados de rocha, onde o ceu parece poisar, sente um certo desafôgo em ir à feira, quando mais não seja, para espairecer. Entram ali os aldeões endomingados e passam em revista todo o mercado. Além começam as barracas de lôna armadas em lojas de fazendas, que ostentam cotins de vários padrões, dando-lhe o ar imponente dos mais puros cheviotes.

— Eh! home — lembra a tia Rosa ao marido — não te esqueças da véstea p'r'ó rapaz... Coitado já num tem que vestir.

— Agora num pode ser — resmunga o homem — que espere p'r'ó Natal.

— Mas o Natal está à porta. Com sorte andará o piqueno se o Zé alfaiate lhe fizer a roupa até lá!

O marido dá-se por convencido, embora resmungando sempre, e lá vão para o lado das barracas dos panos.

Apreçam, tornam a apreçar, e, por fim, lá ficam com o córte de cotim para o fato do rapaz.

O pai, ao puxar pela carteira, de coiro vermelho de três voltas, atadas ainda com um longo baraço, refunfunha qualquer coisa contra as despezas em que os filhos andam continuamente a metê-lo, mas acaba por espalmar o dinheiro sôbre o balcão.

E lá seguem para os lados dos lugares da loiça.

Os oleiros, crestados como os seus cântaros de barro, atraem a atenção de quem passa, batendo com os nós dos dêdos na fazenda exposta que canta musicalmente.

A compra dos tachos

É a altura da tia Rosa declarar ao seu homem que também é preciso um cântaro porque o outro está rachado com uma pancada que a rapariga lhe deu, e já não véda.

Mais uma vez o pobre homem puxa da sua longa carteira que novamente recolhe na funda algibeira interior do colete, lembrando-se de que no bolso das calças ainda traz alguma prata trocada.

— Ai! agora me lembro — geme a insaciavel tia Rosa — também é preciso um tacho.

— Vê lá se queres mais alguma coisa! — ruge o marido fóra de si — se calhar julgas que me saíu a sorte grande...

— O' home! são coisas precisas. Onde queres tu que eu faça o comer?

— Então o outro?

— O outro partiu-se. As coisas não podem durar sempre.

— Pois não, não... Partiu-se. Partidas precisavas tu as costelas, grandecíssima desmazelada! Compra lá o tacho e arranja-te como puderes que até ao outro S. Martinho não te compro outro.

A mulher, aproveitando a concessão, vai fazendo as suas compras: ao cântaro e ao tacho inclui uma caçoila e dois púcaros, e carrega com tudo com o maior desembaraço.

Dali seguem para a barraca das comidas, onde abancam com tôda a solenidade.

Nesta altura, o marido da Rosa não dá mostras de sovinice. Segundo a teoria que herdou de seus avós, deve ter-se economia com tudo, menos com o estômago. Salta, portanto, uma rica travessa de coelho com arroz, belamente regado com vinho carrascão do melhor do sítio.

O vinho — irresistível narcótico

— Olha que o vinho é de estalo, ó Rosa! — diz o marido com ternura — inté parece daquêle que o nosso tio António tem no casco do canto.

A feira de gado

— E olha que é mesmo! — corrobora a mulher com ares de entendedora da boa pinga.

E o almôço prolonga-se. Mais um litro por fim. O coelho acabou-se, o vinho é que sobeja.

— Não quero cá saber de desgraças! — diz o marido, enchendo novamente o copo à sua cara metade — pagou-se, ha-de se beber.

Finalmente, o amoravel casal toma o rumo do valado que ladeia a feira, onde o gerico retoiça despreocupadamente. Posto o albardão no paciente lombo do bicho, colocam-lhe as mércas em cima, deixando espaço para a tia Rosa se sentar. Aquele último copo de vinho entonteceu-lhe a cabeça a ponto de não poder agüentar a caminhada. Felizmente o burro se encarregará de tudo com uma segurança de carruagem de 1.ª classe.

E assim se passou a tarde. Comeu-se, bebeu-se, enfeirou-se, e, graças a Deus, tudo correu pelo melhor. Foi melhor que ir ao teatro... No dia seguinte, voltarão à labuta, infatigavelmente, como condenados voluntários a trabalhos forçados, mas sempre alegres e satisfeitos. Para Fevereiro, se não houver empênho, irão à romaria de S. Braz, e então levarão os pequenos também. E nada mais desejam na sua simplicidade encantadora!

Já Eça de Queirós dizia que «êsse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias é a festa sempre incansavel, porque é todo feito a cantar...»

Outro, que foi à feira, limitou-se a enfeitar todo o vinho que encontrou ao seu alcance. Não foi ali para outra coisa...

E' certo que lá na fazenda não lhe é vedada a aproximação da adega. Mas, talvez por estar ao seu alcance, aquele vinho não lhe desperta apetite de maior. Pode beber um copito ou outro, mas não lhe sabe como aquele que engole através da feira. Tem outro cenário, outro ambiente. Depois aquela poeirada aquécida pelo sol entra pelas goélas dando a impressão de papel mata-borrão que é forçoso ir humedecendo.

Um venerando que ainda vai à feira

Mais uma volta pela feira, e após uns minutos a admirar o gado, torna a maldita sêde a tentar dar cabo dêle. Então, num gesto de legítima defesa, avança para a pipa colocada num carro de bois, e vai mais meio litro duma assentada. Matou a sêde — e sente-se satisfeito com a sua vitória. Dali a pouco, a luta continuará, até que o combatente se espapace na terra argilosa da calçada como um valente que soube caír no seu posto.

Ao largo, na orla do valado, os burros pacientes continuam a retoiçar na erva, satisfeitos talvez com a sua sorte. Pelo menos, é o que se depreende do seu semblante pacífico que patenteia bem não serem grandes as suas ambições.

Quem, vendo o borrachão estatelado na estrada, considere os burros mais conscientes porque não fazem figuras tão tristes, deve ter em conta também que os pobres asnos não bebem vinho porque não lho dão. Ponham-lhe na frente uma celha de carrascão e hão de vêr como êles o engulipam enquanto o diabo esfrega um ôlho.

Portanto, homens e bestas são iguais, por mais voltos que lhes queiram dar. E, no fim de contas, é bem melhor assim...

Os pacientes gericos

FÔLHAS CAÍDAS-ILUSÕES MORTAS...

A MORTE DO OUTONO

Quando a alma punge suas fundas mágoas

Se dissermos ao leitor que morreu há dias o Outono e que assistimos à sua cruciante agonia, vai rir-se com tôda a certeza, convencido talvez de que não lhe damos novidade nenhuma, visto que todos os anos morre o Outono para dar lugar ao Inverno.

Pois ria-se à vontade que, após ter armado em Maria Rita durante alguns minutos, chegará à conclusão de que nunca deu pelo Outono nem pelo seu agonizar.

Nunca deu por isso, nem de tal coisa se lembrou. Perdido nesta imensa cidade de mármore e granito quási que nem dá pela mudança de estação, a não ser pelas indicações do tempo: se chove ou se faz sol. Ora, como chove muitas vezes no verão e faz sol muitas vezes no inverno, daí a confusão em que o bom lisboeta se preza de viver.

Para assistir à morte do Outono não é necessário afastar-se muito do centro da cidade. Um pequeno jardim, em tôda a sua tristeza, pode dar uma idea dessa incomensurável agonia. Uma escada rústica enfeitada de vasos apresenta pelo Outono o aspecto triste dum jazigo. Hastes de arbustos mirrados erguem-se para o céu numa prece suprema — a prece dos moribundos.

Um passeio pelos arredores de Lisboa mostrar-nos-á aspectos encantadores à vista, mas que nos conduzem à mais profunda nostalgia. E, assim, quem se dispuzer a fazer esta digressão, poderá assistir à morte do Outono, coisa em que nunca pensou, a-pesar-de se julgar plenamente conhecedor de tôdas estas coisas.

O Inverno, com todos os seus rigores, não é triste como o Outono, nem nada que se lhe assemelhe. As suas cordas de água, os seus frios, as suas rajadas agrestes de ventania fazem reagir numa luta incansável. O Outono, na sua dolência, amolenta-nos, enfraquece-nos, enche-nos de tristeza e faz-nos sofrer.

Assistir à morte do Outono, é pungir com êle na sua lenta agonia, é morrer um pouco todos os anos nesta ocasião.

Entretanto, as fôlhas vão caindo, caindo...

Nas sete fotografias aqui reproduzidas, o ilustre fotógrafo João Martins dá-nos outras tantas fases da morte da mais triste estação do ano.

Sôbre a nossa alma pesa uma tristeza enorme, pesada e intraduzível.

O fim do Outono é como uma apótese da Morte. Há qualquer coisa de profundamente religioso e tragicamente oprimente sôbre a nossa alma e sôbre a cidade. Coberto por densas nuvens, escuras como crepes, o sol não nos traz os seus afagos. Chove e sob um ceu cinzento, tenebrosamente cinzento, parece que tôda a gente se move sem ruído como fantasmas.

Sôa dolentemente a voz dos sinos, em badaladas longas e gemebundas que parecem suspiros do gigantes.

A vida é emoção, sendo portanto a emoção a única coisa que merece a pena viver. E assim viveremos a emoção das recordações onde quer que o nosso coração se agite com violência.

O fim do Outono leva-nos a emocionar com a Morte!

E' certo que em tôdas as formas da actividade humana palpita a absoluta "vontade de viver", e é essa a única razão de apêgo às coisas dêste mundo.

Mas todo aquele que numa triste tarde de fim de outono, fôr sentar-se num jardim solitário, e veja caír as folhas, uma a uma, como as suas mais gratas ilusões, ha de sentir uma melancolia infinda a inundar-lhe a alma e a segredar-lhe a inutilidade de viver. E pensará na morte, embora a sua aproximação o apavore.

E' ao declinar duma tarde outonal que mais podemos sentir a alma inundada de saüdade.

Para o homem, a paisagem não é só a vegetação, a luz, os acidentes do terreno e as mudanças que a tudo isto imprimem os ritmos estacionais e os fenómenos meteóricos. Existem infinitos elementos ocultos que dão a sua tonalidade característica a cada paisagem, elementos ignorados e invisíveis que fazem sorrir e chorar sem se saber porquê. A êles reüne-se uma rica constelação de factores espirituais, de vagas reminiscências e de gratas recordações da infância, de emoções crepusculares e de ocultas aspirações, e, assim, nêsse poderoso conluio, fazem despertar o místico acontecimento da saüdade, ao entrar em contacto com a paisagem que nos atrai.

Eis o que pode dizer quem assistiu à morte do Outono, a desventurada estação que, tendo por coveiro o congelado Inverno, nem uma flôr vicejará sôbre a sua abandonada sepultura.

Cupido e Psiqué

QUANDO há dezoito anos foi assinado o armistício que todos os povos do Mundo tão ardentemente desejavam, houve quem calculasse que tinha surgido uma longa era de paz, visto ter sido duríssima a lição para os ambiciosos.

Fez-se a paz, como tôda a gente sabe, após conferências várias em que vencedores e vencidos disseram de sua justiça. Os ímpetos do marechal Foch foram contidos pelo cálculo de Clemenceau, e assim tornou-se possível a aparição do grande diplomata Stresemann que soube aproveitar magnìficamente as bases que o Presidente Wilson idealizara numa bondade confiante. Aristides Briand — outro apóstolo da paz — procurou lançar os alicerces do grande edifício da Confraternização Universal. Defendendo sempre os interêsses da França, não se esquecia da triste situação dos vencidos. E tão bem se entendia com Stresemann, que o jornal *Le Rire* caricaturou Briand e o delegado alemão, apresentando-os numa enternecida cêna mitológica de Cupido e Psiqué!

As conferências sucediam-se até que ficou elaborado o famoso Tratado de Versalhes, de que já pouco ou nada resta. Mas, ainda se a paz estivesse assegurada, do mal, o menos... O pior é que decorridos dezoito anos, o Mundo esqueceu os horrores vividos durante êsse espantoso cataclismo, tudo levando a crêr que a Grande Guerra pode reacender-se com mais incremência do que nunca.

As nações voltam a armar-se com verdadeiro furor, embora afirmem pela boca dos seus diplomatas que só pela fôrça será possível manter a paz. E, em face dêste aparato bélico, tôdas as nações se vão armando, na previsão de qualquer eventualidade.

O que será o dia de amanhã?

Quem o poderá saber? O bravo Montenegro que tão heróicamente se bateu ao lado dos aliados, a recompensa que lhe coube na vitória foi a de perder a sua independência!

Uma nova guerra mundial pode fazer mudar a face do Mundo, e torná-lo de tal maneira, que nem Foch nem Hindenburgo, se voltassem à vida, o reconheceriam.

O supremo apelo

SI VIS PACEM...

O espectro da Guerra

que parece querer descer novamente sôbre o mundo

A guerra! E para quê?

Quando foi fundada a Sociedade das Nações, raiou a esperança de que o grande organismo de Genebra, arvorando-se em tribunal sempre que surgisse algum conflito, decidiria com justiça, realizando assim o que a fôrça das armas nem sempre consegue, visto que o vencedor nem sempre é quem tem razão.

Apesar da boa vontade dos componentes do conselho da Sociedade das Nações, tôdas as sugestões apresentadas para se conseguir a paz esbarravam com obstáculos intransponíveis. A guerra do Chaco, entre a Bolívia e o Paraguay, veio pôr a claro o quanto é difícil conciliar homens e interêsses.

Mas isto não é de hoje, foi de todos os tempos.

É Anatole France que o diz:

"Quando o imperador Augusto pensou abrir a era da paz universal, enganava-se redondamente, visto desconhecer as justas dimensões da Terra e a índole dos povos que a habitavam. Supôs que *orbis romanus* se estendia sôbre todo o globo e que o Mundo habitável acabava nos limites ardentes ou gelados, nos rios, nas montanhas, nos areais atingidos pelas águias romanas; imaginava que os germanos e os persas se agitavam em confins isolados do Universo. É sabido como estas ilusões, tão comuns a todos os latinos, foram, de geração em geração, cruelmente dissipadas, e como as ondas de bárbaros inundaram e submergiram a paz romana.»

A história universal está cheia de guerras, dando a certeza a quem a estudar, que o homem, sendo susceptível de todos os aperfeiçoamentos e capaz das mais audaciosas realizações, não poderá nunca confraternizar sinceramente com o seu semelhante.

A guerra tem sido anatematizada, em todos os tempos, pelos mais eminentes filósofos e pelos mais ilustres artistas. Quem não tivesse paciencia para se absorver na leitura dos mais salutares ensinamentos, poderia, num simples golpe de vista, avaliar os horrores da guerra que o lápis dos mais celebres artistas tão prodigiosamente souberam focar.

O homem vê tudo isso, compreende tudo isso, horrorisa-se com tudo isso, mas esquece-se fàcilmente de tudo o que viu, de tudo o que passou, de tudo o que sofreu.

Numa ânsia terrivel de conquista atira-se para a frente, cego por uma onda de sangue, disposto a matar e a espalhar o extermínio.

Lunois, num magnifico desenho que tem por legenda "A cultura dos louros nos jardins da glória», apresenta a Morte arvorada em jardineiro, empenhado na sua macabra profissão de regar de sangue as árvores em cujo topo vicejam os crânios dos vencidos. É dura a *charge*, mas ninguem se decidiria a tomá-la para si. Se chegasse ás mãos de algum novo Napoleão, êste achá-la-ia acertada e justa, quando aplicada a um novo Wellington, mas em caso alguem sôbre os destroços sangrentos e fumegantes de qualqer catástrofe equivalente a Austerlitz, Iena ou Marengo.

Quando a guerra aparece com o seu cortejo de horrores, espalhando a chacina, a fome e a peste, os povos fogem espavoridos, suplicando a protecção dos ceus.

Mas não se iludam. Nessas revoadas de fugitivos, acossados como feras, vão homens que, em momento asado, não vacilarão em espalhar a guerra sôbre o mundo. O essencial é que isso lhes interesse.

Portanto, achamos que deve propagar-se a sã moral entre a humanidade, fazê-la compreender a base do Direito que deveria ser intangível, espalhar-se tanto quanto possível o exemplo de pacificação, visto que algumas vantagens podem surgir. Poderá tudo isto amolecer um pouco a ferocidade humana, e envergonhá-la do seu impudor ante o Mundo inteiro, mas nunca conseguir formar o homem em anjos — se bem que o Arcanjo S. Miguel apareça armado de arnez e espada, dando encarniçado combate ao anjo rebelde.

Um símbolo glorioso

O jardineiro Morte

Como dizia o poeta filósofo, "o homem é um secular malvado que tem contribuido com a sua malvadez para formar uma sociedade trinta vezes pior do que êle». Eis o que estamos vendo através do Mundo inteiro que tem hoje o aspecto que tinha em 1914.

Conseguirão as grandes potências, que sinceramente desejam a paz, impedir a eclosão duma guerra atroz e pavorosa? Há quem suponha que sim, embora na convicção de que a calamidade há de vir daqui a meses.

Num dos seus últimos discursos o estadista britânico M. Baldwin afirmou que a Inglaterra havia de procurar impedir a guerra, empregando para isso os seus melhores esforços. No entanto, afirmou tambem que, a deflagrar uma nova guerra, o Mundo sofreria mais, muito mais do que com a sofrida há dezoito anos.

Enquanto os apóstolos da paz procuram conciliações, os grandes cabos de guerra consultam as suas cartas militares, e os arsenais trabalham activamente, dia e noite, no fabrico de armamento e munições.

Em todos os tempos, as grandes guerras fôram fomentadas pelos grandes interesses, triunfando quási sempre os grandes milionários que, dizendo-se partidários da pacificação humana, aumentam cada vez mais os seus lucros fabulosos com a venda de armamentos e munições.

Chegaremos, um dia, à máxima perfeição possível, isto é, à compreensão serena dos direitos e deveres de cada homem e de cada nação?

Eis a esperança que ainda acalentamos, embora com a convicção de que o homem não perderá nunca inteiramente a parcela que lhe coube da sua ancestralidade feroz.

Que nova fase está reservada a êste pobre Mundo que há muito tempo parece andar fóra da graça de Deus? Eis o que todos preguntam e ninguém pode saber ao certo — nem mesmo o que governam o Mundo com todo o seu engenho e perspicácia.

A peste seguida á guerra

"FÁTIMA" — LIVRO DE FÉ E MISTICISMO

Antero de Figueiredo

Deus prepara o momento propício para os acontecimentos. Na sua infinita misericórdia cria os homens, dirige-os, faz com que na sua vida se dêm os factos mais contrários, para que no momento preciso, êles realizem aquilo para que fôram criados.

Duma generalidade divina, dota certas almas de qualidades admiráveis e certos cérebros de inteligência superior, põe nalgumas almas a divina essencia da poesia e depois de as dotar, de as aperfeiçoar marca-lhes a hora da obra que têm a fazer.

Antero de Figueiredo, o grande escritor que pelas suas obras se tornou um dos primeiros nomes da literatura portuguesa e é, pelos seus dotes morais um dos mais nobres caracteres de Portugal, publicou o livro que desde que existe lhe tinha sido destinado escrever, e, na hora em que êle devia saír para derramar nas almas a luz, que das suas páginas transborda e ilumina todo o volume.

«Fátima» livro de misticismo e de fé, saíu a lume na altura em que devia saír, em que era necessário que aparecesse.

Nossa Senhora, a Mãi de Misericórdia, a Mãi dos homens fez a sua aparição na Cova da Iria, no centro de Portugal, dêsse Portugal, que quando era reino a tinha feito sua Padroeira, e que Ela a Mãi do Céu, nunca abandonou apesar das maiores ingratidões de seus filhos, no ano de 1917.

A Grande Guerra tornara a Europa um braseiro. Os homens matavam-se sem dó nem piedade. A França, invadida sofria os horrores da invasão. Portugal dera o melhor dos seus homens para o mais fraco.

Cá dentro rugiam as mais desenfreadas ambições, combatiam umas contra as outras, as greves sucediam-se, mantendo em desassossego a população, torturando os que tinham o dever de manter a ordem pelo instável da vida dia a dia mais sombria, sucumbindo ao esfôrço que era superior ás fôrças humanas e morrendo na tristeza de ver, que não valia a pena defender os homens, que só pensavam nas suas próprias ambições.

Maria, a Mãi de Deus e dos homens, escolheu essa época infeliz para fazer o seu aparecimento na Cova da Iria a três pastorinhos e falar a Lúcia a ingénua, a inocente vidente, para mostrar a todo um povo que se debatia na infelicidade, que era sempre a Padroeira de Portugal.

A Santíssima Mãi de Deus escolheu a hora da desalentada tristeza para fazer a sua aparição divina, para trazer ás almas o confôrto da Esperança que a Fé sem limites tornou em Caridade misericordiosa.

Era aquêle o momento em que se impunha amparar os crentes portuguêses, converter as tíbias.

«Fátima» o primeiro livro de Arte, de Fé e de Misticismo, que sôbre as aparições se escreve, aparece no momento devido, naquele em que devia aparecer, aquêle em que há séculos estava destinado que apareceria.

Na Espanha devastada e sangrenta têm-se cometido contra Deus e contra a Virgem Maria os mais infames desacatos. A Mãi de Deus roubada, espoliada, desacatada precisava de fazer saber, que na Península Ibérica existe um povo que a adora, que é seu filho e só um livro que iluminasse as inteligências, as encantasse poderia tornar extensivo a tôdas êsse conhecimento.

Esse livro é «Fátima».

Publicado no momento em que Portugal se tem engrandecido aos olhos do mundo, pelo seu govêrno, que enobrece uma nação, pela forma altiva, digna e corrente com que procede tanto na administração interna do país, como nas suas relações exteriores. «Fátima» essa obra que Nossa Senhora inspirou a uma das nossas maiores inteligências, prosador-poeta, alma crente e profunda, é um dos sinais do amor da Virgem Santíssima a Portugal.

A Mãi Divina escolheu Lúcia, a pequena pastora ingénua, para fazer dela a sua interprete junto dum povo, que se debatia na tristeza, e, acolhe agora um artista, cinzelador da palavra, poeta cheio de idealismo, alma duma delicada sensibilidade, quási feminina, carácter duma incontestavel nobreza, autor das páginas cheias de patriotismo do D. Sebastião, da «Leonor Teles», e de tantos livros de amor ao seu país, o autor do capítulo, «Palácio de Fuensalida», que bastaria para tornar o seu livro «Toledo» uma das mais belas joias da literatura portugueza, para que no seu livro que é uma poesia em prosa, o glorificasse historiando a mais delicada Arte, as aparições, o ambiente sobrenatural, que torna a Cova da Iria um lugar único no mundo, de Fé ardente nas orações dum povo crente, de Esperança no céu, justificada Esperança para que a ternura da Mãi de Deus para com os portuguezes lhes inspira e de Caridade completa demonstrada nessa igualdade, que ali se sente, nessa liberdade de pensamento voltado para o céu e de oração ardente, nessa fraternidade que faz amparar uns nos outros, os crentes ajoelhados sôbre as duras pedras da Cova da Iria.

Só um crente como Antero de Figueiredo, um artista que vibra, póde escrever esta palavra «Fátima»! São três sílabas dum termo esdrúxulo; seis letras das quais três são vogais e as mesmas do nome de Maria. Nelas de sons diferentes, culmina o i agudo. O primeiro a aberto, é Aurora Avé-Maria dilucular; o último a, fechado, é crepúsculo — Avé-Maria do entardecer».

Não há mais linda definição da palavra Fátima!

Definição dum espírito que vive de Arte e para a Arte, mas não a arte pagã, que faz descer a alma ao fundo materialismo, mas essa Arte Cristã, que criou os génios, que iluminaran com a sua pena, os seus pinceis, ou o seu cinzel a Idade-Média e a Renascença. Arte que se eleva, que levanta a alma humana às grandes alturas, Arte sublime que ao levantar o vão glorioso da águia arrasta atrás de si as almas pequenas e humildes, que não sabem e não conseguem realizar tão belos vôos que, alto tão alto, nos colocam próximo de Deus.

O verdadeiro dom da Arte Cristã possui a faculdade de levantar as alma às grandes alturas, de elevar os espíritos às culminâncias do sentimento e é essa a Arte, que cultiva a pena de Antero de Figueiredo.

Nunca uma alma vulgar poderia penetrar e compreender, a alma mística, simples, ingénua, cheia de inteligência sobrenatural, de dons magníficos, alma de eleita e de vidente de Lúcia de Jesus em religião, irmã Dores.

Quanta subtileza, quanta delicadeza não é necessária para conseguir que se abra em tantas confidências, aquela que a caminho da Santidade se esconde como a modesta violeta entre a folhagem, embora o perfume da virtude a denuncie, como à violeta denuncia o perfume delicado que dela se evola.

Porque a santidade nunca se pode esconder, a virtude resplandece através das mais espessas muralhas, como um facho de luz, e não pode deixar de ser virtuosa e santa a que foi escolhida entre tantas pela Mãi de Deus.

O livro de Antero de Figueiredo vem destruir a teoria dos descrentes, que as videntes, a quem apareceu Nossa Senhora eram doentes de histeria — desequilibradas.

Lúcia é sã de corpo e de alma basta atestá-lo o espírito equilibrado dum artista, que para o ser não precisa de ser um boémio, como erradamente se julgam em geral os artistas.

«Fátima» é um livro precioso, jóia de arte pelas suas descrições, pinturas delicadas de côres minuciosas umas, frescas primitivas outras, e águas-fortes violentas ainda algumas. «Fátima» é o livro do momento; conjunto de Fé, de crença mística, de arte profunda e de poesia ardente.

E' um livro para ser lido e relido, meditado, rezado, é um livro que convém pela sua delicadeza, que se sente pelo caridoso ardor com que são descritas as miséria humanas, da doença, da dor.

A ouvir ler na Foz, na casa confortável e acarinhadora do autor, alguns dos seus capítulos, sentindo na alma profunda de sua filha, o coração das opiniões compartilhadas, a minha alma chegou ao rubro da emoção, da crença entusiasmada.

Maria de Eça.

BENJAMIM CONSTANT

O GLORIOSO FUNDADOR DA REPBÚLICA BRASILEIRA

Se festejamos a data da proclamação da República Brasileira, não devemos esquecer o nome do seu glorioso fundador, o muito ilustre Benjamim Constant Botelho de Magalhães de que a Nação irmã bem pode orgulhar-se.

Sempre que se fala na grande República dos Estados Unidos do Brasil, a figura de Benjamim Constant ergue-se como um luzeiro, a servir de guia aos estadistas de todo o Mundo.

Evoquemos, portanto, o seu vulto grandioso. Benjamim Constant era o homem que faltava ao Brasil nessa época de tremendas ansiedades.

Dotado duma vasta inteligência, a sua orientação positivista começou a desenvolver-se com a leitura duma tese apresentada à Escola Central do Rio de Janeiro, e na qual o seu autor resumia as opiniões de Comte sôbre o cálculo. No propósito de conhecer desenvolvidamente o assunto, estudou com meditada reflexão a obra do filósofo francês, tornando-se, a breve trecho, o principal vulgarizador do positivismo no Brasil. Largo e fecundo foi o seu apostolado científico que preparou os espíritos para a remodelação política que planeava.

Sendo posta a concurso a cadeira de cálculo na Escola Militar, Benjamim Constant concorreu com o maior aprumo. Nessa altura, um jornal, que lhe era adverso, abriu uma campanha, preguntando se poderia ter acolhimento um positivista e um republicano que desassombradamante expendia as suas opiniões. No dia designado para as provas, Benjamim Constant pediu a palavra para tratar, perante o juri, duma questão pessoal. Sendo-lhe permitido falar, confessou com a maior franqueza as suas opiniões políticas, declarando-se adepto das doutrinas de Augusto Comte, de que fez um rápido e lúcido resumo. Salientou que, se fôsse provido na cadeira a que concorria, continuaria a vulgarizar o positivismo. Seguidamente, conduzindo a filosofia positivista à república, preguntou se poderia ou não prestar as suas provas.

O juri, após uma larga discussão, decidiu não haver motivo para a exclusão do candidato, e, assim, Benjamim Constant fez um concurso tão notável que foi classificado em primeiro lugar e despachado.

O mais interessante é que o imperador D. Pedro II assistiu a essas provas, sendo o primeiro a admirar a inteligência do seu terrível adversário político!

Pode dizer-se que a vida política de Benjamim Constant começou no momento em que a monarquia constitucional de D. Pedro II procurava firmar-se, chamando ao poder o Visconde do Ouro Preto. Começavam a sentir-se os sintomas de mal estar que costumam conduzir às grandes convulsões políticas. Perante a agitação do país, entendia o Govêrno que uma das medidas a adoptar, seria reprimir a propaganda republicana, e afastar do Rio de Janeiro os oficiais cujas opiniões não fôssem nitidamente monárquicas.

Seguia-se esta táctica, e, no entanto, o Govêrno sabia que, logo em seguida à promulgação do decreto de 13 de Maio de 1888, a revolução republicana latejava francamente, prestes a eclodir. A situação atingiu tal gravidade que o conselho municipal duma cidade brasileira chegou a propôr uma plataforma bizarramente conciliatória. A proposta bazeava-se nisto:

Benjamim Constant em 1889

ser votada na Assembleia Legislativa a proclamação da República logo após a morte do Imperador. Não queriam dar semelhante desgosto ao venerando ancião.

Por sua vez, o Conde de Eu declarava publicamente que, no dia em que a família imperial reconhecesse ser prejudicial à Nação, o sistema monárquico, se submeteria à vontade do povo, abdicando de todos os seus direitos.

Foi exactamente neste agitado período, em que o Visconde do Ouro Preto se propunha sufocar as resistências do exército e reprimir a propaganda feita pelos jornais, que Benjamim Constante entrou numa fase de luta decidida. Tendo organizado os conciliábulos de oficiais de terra e mar e estudado e delineado o plano da revolução de acôrdo com Quintino Bocayuva, chefe do partido republicano, aguardou o momento oportuno para imprimir ao Brasil uma nova feição política. Nesse período de preparação, o seu trabalho foi colossal, magnífico, surpreendente. Daí o chamarem-lhe o "fundador da República do Brasil„.

Encarregado, no Govêrno provisório, da pasta da Guerra, reformou, em sentido mais liberal, os códigos militares e refundiu todo o sistema de ensino, dando às Escolas militares uma organização completamente diversa da até então estabelecida, cuidando ao mesmo tempo de disciplinar o exército e dar ordem e garantia à segurança das novas instituições.

Quando, meses depois, sobraçou a pasta da Instrução Pública, não esmoreceu na sua actividade construtora, reformando todos os decretos, regulamentos, programas, etc. que dificultassem ou impedissem a divulgação da cultura intelectual no país.

A divisa *Ordem e Progresso* que a bandeira brasileira ostenta, foi indicada por êle como síntese dos princípios que sempre defendeu intemeratamente.

Em face de tão valiosos serviços, Benjamim Constant foi considerado o fundador da República Brasileira, não só pela acção decisiva que exerceu nos espíritos durante a sua longa carreira de professor, como pela atitude que tomou quando o ministério Ouro Preto se dispôs a entrar numa política repressiva.

Benjamim Constant foi um homem firme sem deixar de ser prudente. Tendo estabelecido a liberdade espiritual e a liberdade política, o seu prestígio era tal que teria sido eleito Presidente da República se a doença não o prostrasse. Morreu pobre como sempre vivera. Por ocasião da sua morte, Quintino Bocayuva propôs no Congresso Constituinte que fôsse exarada na acta respectiva "a ufania com que o Conselho se orgulhava por lhe ser dada a glória de apresentar aos seus futuros presidentes aquele belo modêlo de tôdas as virtudes no fundador da República Brasileira, Benjamim Constant Botelho de Magalhães, nascido a 18 de Outubro de 1833 e que deixara a vida objectiva pela imortalidade a 22 de Janeiro de 1891„.

Quási meio século decorreu e a obra grandiosa do ínclito brasileiro continua a manter-se firme, perene e esperançosa como a divisa da Bandeira do Brasil indica, com a maior eloqüência, ao Mundo inteiro.

Quando Quintino Bucayuva apregoou bem alto o salutar exemplo do grande cidadão brasileiro, não o fez em vão. E a prova mais flagrante surge na situação da florescente República do Brasil em que, desde o primeiro magistrado da Nação ao mais humilde trabalhador dos campos, se nota o mais entusiástico amor pátrio e o mais perfeito civismo. A semente dos ensinamentos de Benjamim Constant germinaram e deram belos frutos.

A QUINZENA DESPORTIVA

O movimento desportivo português continua no mesmo ritmo de desoladora monotomia, desesperante para qualquer cronista encarregado de comentar periodicamente a actividade no país.

As semanas passam e, além do footbal', nenhuma modalidade entrou ainda em actividade que desperte interesse público, limitando-se aquelas mais em avanço a simples encontros inter-clubes com características de jogos preparatórios. Se compararmos a situação dêste ano com a que se verificára em idêntica época nos anos anteriores a impressão é nitidamente desfavorável para 1936, e isto sem que se encontrem razões de qualquer ordem a justificá-lo.

A evolução absorvente do football é facilitada pela indeferença ou pelo desleixo dos elementos dirigentes dos outros jogos de inverno, que, salvo as naturais excepções, se preocupam muito mais com a mesquinhez de políticas pessoais do que com os interêsses do desporto de cuja orientação assumiram a responsabilidade.

O caso do handball, por exemplo, é absolutamente típico. Variante desportiva muito interessante, caíu, desde início da propaganda, nas bôas graças de praticantes, agremiações e público, progredindo rapidamente e alcançando em poucos anos uma considerável expansão.

O campeonato respectivo reúne em Lisboa dezasseis equipas, divididas em duas divisões, número êste que apenas o football e o basket excedem, sendo ambos muito mais antigos na prática nacional.

Sucedeu, porém, que o incremento do handball valorizou no critério de alguns dirigentes clubistas o interesse pelos êxitos, e os levou a procurar por tôdas as formas os meios de satisfação das suas ambições, reforçando grupos pela aquisição de jogadores a quem pagavam, e suprindo ainda a sua insuficiência por uma rêde complicadíssima de intrigas e habilidades de nefastas conseqüências.

Nunca mais esqueceremos que no final da época finda assistimos à invasão dum campo e a uma desordem generalizada, ao comando do dirigente responsável da secção dum clube que estava perdendo legitimamente o encontro em disputa.

Nestas condições seria impossível produzir obra útil e moralizadora, e como os componentes da entidade regional abandonaram na maioria os seus cargos, os negócios do handball foram de mal a pior; só há cêrca de quinze dias se conseguiu legalizar uma situação que há mais de dois meses devia ter sido decidida. Quando estas linhas forem lidas terão começado já os encontros oficiais por intermédio dos primeiros jogos da Taça Preparação mas o campeonato não terá início antes de meados do mês corrente.

E' sempre muito perigoso arriscar um prognóstico, no entanto diremos que o torneio dêste ano se nos afigura menos animado do que o seu precedente; o desequilíbrio de classe e conjunto entre os grupos da primeira divisão parece-nos assentuado, sendo o trio Sporting, Treze, Benfica bastante superior aos adversários, dos quais se destaca o Belenenses como elemento mas aproximado dos melhores.

O Sporting, compeão consagrado desde o início da prática oficial do handball, conserva o mesmo grupo que tão boa conta deu de si, reforçado ainda pela adesão de alguns jogadores consagrados vindos doutras colectividades. Merece crédito de favorito.

O basket-ball, que é de todos os jogos de inverno aquele que maior expansão adquiriu depois do football, entretem por enquantanto a sua actividade com torneios de organização particular, mas prepara cuidadosamente o seu campeonato, cujas tradições de entusiasmo por certo se manterão. Por aqui não há muito que censurar e, embora se encontrem reflexos dos vícios inalienáveis do meio, a modalidade progride e conhece uma vida regular louvável.

Não são estas mesmas considerações aplicáveis na íntegra ao hockey em campo, ainda em período de repouso, e cujos progressos não têm correspondido em Portugal aos esforços dos seus animadores. O jôgo não conseguiu captar simpatias públicas e interessa uma minoria, pouco além da falange dos praticantes e dirigentes.

Após haver conhecido um período de crise em tudo semelhante ao quadro precedente, o rugby, desporto viril e emocionante, parece em vias de conquistar a situação perdida, mercê do apoio trazido pela mocidade das escolas superiores, muito habilmente atraidos à sua prática pelos orientadores lisboetas. E' inegável ter sido esta infusão de energias novas e de espírito culto que salvou o rugby na capital do mesmo destino verificado no Porto, onde praticamente se pode considerar extinto.

O grave êrro que ia vitimando o nosso rugby foi a falsa interpretação do seu objectivo, da forma como devia ser praticado e, sobretudo, do recrutamento dos jogadores. Fizeram do rugby uma batalha implacável, na qual a fôrça suplantava a agilidade, o pêso e a violência interessava mais do que a rapidez e a inteligência tática. Veio a tempo a reacção necessária, e hoje êste belo desporto, de tão grandes virtudes educativas desde que seja exactamente compreendido, tem o futuro assegurado e ressente-se apenas da ausência de campos apropriados à sua prática.

Para nenhum esquecer nesta breve referência, também ao football consagraremos algumas linhas. O alvo da nossa crítica será desta vez o problema das arbitragens.

Nos jogos das últimas jornadas do campeonato de Lisboa, verificaram-se com desoladora freqüência manifestações evidentes de incompetência, ou piór, dos dirigentes dos encontros.

Ora os árbitros de football são todos êles profissionais, havendo, por isso o direito de lhes exigir responsabilidades no desempenho das suas funções; não é tolerável que indivíduos mais ganantociosos do que escrupulosos desvirtuem uma importante competição desportiva e transformem a sua missão disciplinadora em agente de desordem e fomento de situações indesejáveis.

Os footbalistas portugueses preparavam-se para reatar as suas relações activas com a França, tendo a respectiva Federação fixado o segundo domingo do mês corrente para a disputa dum jôgo em Paris entre as duas selecções. Infelizmente, motivos extranhos à razão desportiva anularam estes propósitos, e o encontro ficou sem efeito criando aos dirigentes uma situação embaraçosa e de nefastas conseqüências no desenvolvimento futuro das nossas relações internacionais. Sirvam-nos de consolação as próximas visitas, já asseguradas, das equipas nacionais da Checoslovaquia em Janeiro futuro, e da Suiça em Fevereiro seguinte.

■

O "tennis" internacional passou ao plano de actualidade com a brusca notícia da passagem ao profissionalismo do az número um das suas hostes consideradas de amadores.

Depois dos americanos Tilden e Vilnes, do francês Cochet, o britânico Fred Perry assinou um contracto remunerado, em condições que tentariam o mais desinteressado dos desportistas.

O amadorismo dos grandes campeões de tennis, sancionado há muitos anos pela complacência da entidade dirigente, é daqueles que repugna aceitar aos espíritos mais crédulos. Um homem como êste Perry, primeiro jogador do mundo, passa dez meses do ano ausente do seu país, consagrado exclusivamente à disputa de torneios, cujos promotores angariam importantes proventos; não sendo milionário, como vive um indivíduo em tais condições? Onde alcançou os proventos materiais necessários da sua existência?

No entanto, visto que o bom senso e o raciocínio não fazem parte da legislação desportiva, todos estes tennistas prosseguem a sua carreira de amadores impolutos, até que uma proposta mais lucrativa do que o seu amadorismo os arraste para campo diferente.

Foi êste o caso de Perry, que há mais de três meses se encontrava nos Estados Unidos e aceitou agora um contracto para uma série de exibições e "matchs" com a garantia de 10.000 libras, acrescidas duma clausula de percentagem sôbre as receitas que se prevê lhe traga outra verba idêntica de lucro. Dois mil contos já é uma soma apreciável, acrescida ainda de cêrca de 100.000 dolares

provenientes de acôrdos para propaganda comercial, palestras pelo rádio e colaborações na imprensa.

A primeira conseqüência directa da passagem de Perry ao profissionalismo deve ser a perda da Taça Davis pela Inglaterra.

Salazar Carreira.

O desporto, com suas fases de violento dinamismo e suas atitudes de incomparável beleza estética, devia forçadamente inspirar os artistas em suas composições. Os desenhos que animam estas duas páginas, explicam eloqüentemente a nossa tese.

LUGAR AOS NOVOS!

Isto não quer dizer lugar aos jóvens. Quer dizer lugar aos "novos„ que vão aparecendo em qualquer modalidade de arte ou de leitura.

Lugar aos que anciosos se chegam às fileiras dos consagrados e querem começar a luta para alcançar uma bôa classificação.

Os que estão em destaque há muito, adquirido pelo seu talento e pelo seu trabalho, devem alargar as fileiras para deixar passar o recruta que veio cheio de vontade de vencer e ganhar os seus galões.

A glória não deve envaidecer ninguém, nem é coisa de que se pretenda fazer monopólio, como de qualquer mercadoria.

Os que venceram já podem sentir-se orgulhosos — isso sim — porque o orgulho é a satisfação da própria consciência, dos que obtiveram o triunfo, pelo seu único esfôrço.

Mas o orgulho não quer significar egoísmo; pelo menos êste orgulho de que eu falo é um orgulho honesto e generoso.

Devemos ajudar os outros mais infelizes, que não acharam facilidade em poder demonstrar quanto valem, e que em muitos casos até têm valor superior ao de alguns já consagrados, que não deveram a sua situação apenas ao seu mérito.

■

Eu, com o pouco ou muito que valha, mas devendo ao favor do público, tenho provado em factos as minhas teorias acima expostas.

Muitas vezes sou solicitada para rever obras de principiantes e faço-o sempre com bôa vontade, sem os vexar publicando os seus nomes — se bem que seja humilhante procurar aprender junto de quem a vida mais ensinou.

E já tenho sido madrinha literária dalguns daquêles que pela primeira vez tentam afrentar a crítica com produtos da sua inteligência.

Entre os meus "afilhados„ lembro-me de Maia Alcoforado a quem fiz um prefácio para o seu livro "Crónicas de qualquer dia„. Não que êsse precisasse de apresentação, pois que o seu grande valor nas letras já era sobejamente conhecido, mas porque êle, na sua amizade e aprêço por mim, quis que eu fôsse sua "madrinha„, o que deveras me lisongeou.

Maia Alcoforado é mesmo um espírito muitíssimo interessante.

Não sei se de seus antepassados, nos quais se conta a freira amorosa e célebre, Mariana Alcoforado, lhe vem êsse ar melancólico profundamente sugestivo, que irradia dos seus olhos, onde o mar tanta vez se espelhou, para as páginas dos seus livros.

Mas o que eu sei é que Maia Alcoforado é um sentimental, com um feitio portuguesíssimo de sentir e de se expressar.

Por tudo isto, confesso que gostei de levá-lo pela mão junto dos seus leitores, quando êste já tão afoito caminhava.

■

Uma das discípulas mais dotadas que eu tive, a mais talentosa com certeza, foi uma rapariga que usava o pseudónimo de *Ignez*.

Não sei o que é feito dela. Desapareceu da minha vida e das montras dos livreiros.

Fez-me pena que desertasse do campo das letras, porque tinha realmente aptidão.

Em sentimento e ternura, tudo tocado de uns laivos finos e leves de sexualismo, não apareceu ainda nenhuma, nas novas revelações, que lhe levasse a palma.

Era uma alma de artista, aliada a físico encantador.

Não sei onde para. Sacrificou talvez a glória a um grande amor. Os homens são tão egoístas...

E não deve ter sido pequeno o sacrifício, porque adorava a literatura e queria ser "alguém„ nesse meio. E se-lo-ia, se continuasse, posso afirmá-lo.

Outras valendo muito menos, andam aí apregoadas pelas trombetas da fama.

Escrevo estas palavras com o pezar com que escreveria o epitáfio sôbre a campa duma pessôa querida.

Escrevo-as pela sua pena desaparecida.

E espero ainda o milagre da sua ressurreição.

Tenho a certeza de que ela chora às vezes por esta ilusão morta, que lhe andava tão pegado ao coração, que é impossível que não lhe deixasse saudades...

Se estas linhas te cairem sôbre os olhos, Ignez, filha do meu espírito, perdoa por ter renescido essas cinzas, onde por certo há ainda uma faisca que não quer morrer.

■

Tenho ainda do passado, um passado que não está longe, uma linda recordação: Beatriz Delgado.

Fui eu que a apresentei ao público, num artigo do *A. B. C.*, tornando assim mais fácil a publicação do seu primeiro livro *Amorosa*, que foi um autêntico êxito, como êxitos foram todos os seus livros que se lhe seguiram.

Esta "afilhada„ tem um lugar áparte no meu coração, porque era muito amiga do meu filhinho, do meu Marcelo.

Lugar aos novos! Não há que recear competências. Quando no céu se acende uma nova estrêla, as que já lá estavam continuam brilhando...

Mercedes Blasco.

EMILIA DAS NEVES

E OS ESTUDANTES DE COIMBRA

Emilia das Neves

Entre as mil velharias que um nosso velho amigo teima em guardar avaramente numa gaveta tão profunda como a caverna de Ali-Babá, encontramos há dias dois papelitos amarelecidos pelo tempo que nos ataríram a atenção. É que, ao cabo de várias tentativas infrutíferas, o nosso homem sempre se decidiu a conceder o almejado *Abre-te Sézamo!*

Tratava-se duma subscrição para a compra duma prenda à grande actriz Emília das Neves por ocasião da sua visita à cidade de Coimbra, e de uns versos de Antero de Quental feitos em honra da mesma eminente artista.

Na quási certeza de que estes curiosos documentos iriam caír novamente nas trevas dessa terrivel gaveta e que, mais dia menos dia, as traças iconoclastas dariam cabo deles sem vantagem para ninguém, conseguimos comover o nosso Ali-Babá que nos deu autorização para os tornar públicos.

— Isto volta para cá sem a mais ligeira beliscadura — prometemos na intenção de sossegar qualquer desconfiança aliás descabida.

— Não é preciso — disse-nos — depois de publicados, não me interessam êsses papeis. Pode ficar com êles...

E, ante o nosso espanto, explicou.

— É que dentro desta gaveta só guardo inéditos, entende? Qualquer coisa publicada não teria lugar junto do mais que aqui se guarda... E olhe que é bastante...

Com efeito, a calcular pelo volume, devia existir ali uma infinidade de coisas preciosas.

O nosso Ali-Babá foi fechando a sua gaveta cavernosa, não fôsse a saída dos dois papeis estabelecer contágio entre os restantes...

Mas historiemos os dois documentos que são datados de 1864.

Acedendo ao instante convite dos estudantes, a grande actriz Emília das Neves prometera honrar com a sua presença a festa do Teatro Académico. Havia quatro anos que alli estivera para idêntico fim, representando "Os comediantes de El-Rei" e "Adriana Lecouvreur". Desta vez, a excelsa artista interpretaria a "Dama das Camélias". Calcule-se o regosijo da Academia coimbrã!

O dr. Manuel Emídio Garcia, na pujança dos seus vinte e seis anos de idade, pensou logo em oferecer à grande actriz uma joia que patenteasse com eloqüência tôda a imensa gratidão dos beneficiados. E então, como supremo recurso, encabeçou uma folha de papel almasso com os seguintes dizeres:

É do nosso brio offertar á distincta actriz Emilia das Neves e Sousa uma prenda para recordação do nosso reconhecimento. Aquelles que approvarem subscrevam com o que entenderem.

Ele, por sua parte, abriu com 720 reis, quantia avultada para a época, é certo, mas que se tornára bizarramente incompreensivel para início duma subscrição. Sete tostões e um vintem... Para que diabo figuraria ali o contrapeso do vintem? Ainda se fôsse a fechar, compreender-se-ia que, custando a prenda certa quantia, o organizador da subscrição decidisse pôr o resto, arredondando a conta. Mas a abrir? Francamente não atinamos com a razão dos 720.

Inscreveram-se 55 indivíduos oferecendo 500 reis cada um, com excepção de Fausto de Queirós Guedes que deu meia libra, e Joaquim António Roxanes que foi até aos dez tostões.

Gente que podia e gostava de botar figura...

Reünido o apuro que rendeu 30.470, o dr. Manuel Emídio Garcia procurou desempenhar-se o melhor possivel da missão a que se obrigara. Ele mesmo declara no próprio papel da subscrição, com a sua boa caligrafia:

Foi-lhe offerecida uma pulseira de ouro do valor total da subscripção, comprada no Abilio da Calçada.

M.el E. Garcia

O que foi a recepção tributada pela academia à grande actriz não é possível descrevê-lo. Nunca uma rainha foi tão delirantemente aplaudida. Através do cortejo organizado com tôda a pompa, foram distribuídas folhas volantes, segundo o uso dêsse tempo.

Antero de Quental, o profundo Antero, escreveu estes versos dignos da divina Emília:

À GRANDE ACTRIZ EMÍLIA DAS NEVES

Pois quê? Se num volver desses teus olhos,
Quando alegres os volves; quando altivos,
Orgulhosos chamejam: quando ternos
Prometem todo um mundo de venturas,
Arrastas almas mil; dizes e inspiras
O horror, a compaixão, o amor, a raiva,
Delirios da mulher, que amou e acorda,
Vendo murchas por terra as flores da vida;
Se suspensas dos labios — a teu mando —
Tens almas mil escravas, que obedecem,
Que choram se tu choras, e que exultam
Com tuas alegrias, com teus risos;
Se és mulher, se és rainha e se és artista,
Pode alguem intentar dizer com falas
O que sente, o que vai lá dentro n'alma?!

O silencio diz tudo e é muda a lira:
Distendidas as cordas, humedece-as
Uma lágrima santa, que as orvalha
De amor, de aspiração, de afecto infindo.
A lágrima diz tudo — diz que à terra
De heróicos feitos mil, de mil grandezas
De nobres, fraternais e santas crenças,
De esp'rança e sentimento e dos amores,
— «E aos amores de Inês que ali passaram» —
Faltava inda um laurel. Hoje essa lágrima
Diz ao peito, que sabe recolhê-la,
Que, morrendo amanhã, morre contente
Essa terra, que as outras avassála,
Porque achou o laurel, que os mais enfeixa
Uma gloria imortal que as domina,
Um nome, que não morre, quando os sec'los
Lhe dobrarem no pó a altiva fronte!...

Antero de Quental

Já lá vão setenta e dois anos! Como o tempo passa!

PÁGINAS FEMININAS

A *vida da mulher moderna não é como muita gente supõe uniforme em todo o globo. Hoje como antigamente ainda há grandes diferenças de país para país, e, sobretudo na Europa há uma diferença completa e absoluta na maneira de ser da mulher latina e daquela raça anglo-saxónia, uma verdadeira antítese entre o carácter da meridional e o da nórdica.*

Mulher meridional com diferenças de país para país, apezar de ter adoptado nos seus modos exteriores, na sua apresentação, nos seus estudos na sua educação, a aparência do modernismo, tendo abandonado o aspecto de escrava moira, que nos paises de dominação árabe, sobretudo, conservava, não é ainda o ser consciente de todos os deveres, a que os direitos obrigam.

A mulher meridional conserva ainda muitos dos defeitos, que lhe ficaram da vida de sujeição ao homem e de quási clausura de «harem».

Evidentemente, que a mulher que vivia numa subordinação absoluta do seu ser e da sua vida, que ignorava tudo da vida prática, ao ponto de que quando tinha a infelicidade de perder o marido, não saber o que tinha para viver e não saber dar um passo para tratar das mais elementares questões da sua vida, tinha todos os defeitos das criaturas na infância, resentia-se no seu carácter de tôda a sugeição em que vivia.

A mentira e a hipocrisia eram as armas de que se servia, para satisfazer os seus gostos, para fazer a sua vontade.

Era uma defesa até certo ponto desculpavel, porque não há ser humano que tiranisado não perca a dignidade do seu ser e não procure defender os seus gostos, as suas tendências, a sua individualidade, por todos os meios, muitas vezes os mais condenaveis, de acôrdo, mas desculpaveis a quem estude e prescrute a psicologia da humanidade.

O ente oprimido tem de se defender.

A mulher meridional não precisa hoje de assim ser, os direitos conquistados pelas suas irmãs nórdicas, as ideas de emancipação e de liberdade foram pouco a pouco fazendo o seu caminho e a mulher tem hoje tôda a sua liberdade tanto no campo social, como dentro do lar.

Mas o hábito inveterado da dissimulação e a tendência à vida da preguiça e de inação, ficaram como tristes germens ocultos, na alma da mulher e ela prefere da liberdade a parte nociva que êsse direito lhe dá, sem compreender o dever que a dignifica de ser sincera e leal e de compreender que essa liberdade que tem a deve utilizar numa vida laboriosa e útil, sendo assim um elemento e que superior elemento, na sociedade moderna, que os nacionalismos estão criando em oposição ao internacionalismo dissolvente.

A mulher nórdica emancipada ha muito, compreendendo a sua liberdade como um dever a cumprir, teve principalmente nos países do extremo norte como a Suécia e a Noruega a intenção do que a sua vida deve ser.

Leal e sincera porque não oprimida ela, como espôsa, mãi e cidadã consciente dos seus deveres, sabe o que vale e qual o seu direito a viver como ente consciente.

Mas a mulher destes países tem a consciência dos seus deveres e sabe que absolutamente tem de ser a auxiliar do homem na construção da sociedade.

A evolução que se fez nesses dois países no sentido da igualdade e direito à vida de todos, sem revoluções, sem quesitões, sem fazer correr sangue, é o mais belo exemplo.

Ali fez-se a igualdade não nivelando para baixo, mas sim para cima e a mulher teve nessa reconstrução da sociedade o mais belo papel.

Não foram trucidadas, mortas infamadas as de cima, subiram tôdas num acôrdo perfeito, fazendo com que a vida fôsse agradável para tôdas, não com o incêndio e o assassinato, mas sim com inteligentes concessões de parte a parte.

E' utilíssimo tornar conhecido o papel da mulher nórdica nesta evolução, para que a mulher meridional que tão entusiasticamente adoptou a liberdade de que ela lhe dera o exemplo a imite na sua vida de trabalho e de sacrifício alegremente aceite, e, faça nos seus países conservando o amor à religião e à sua pátria, o bem que as escandinavas têm feito.

Ponha-se de parte a vida fútil e trabalhemos tôdas para o desenvolvimento da humanidade pelo desenvolvimento das melhores qualidades que nela existem.

Maria de Eça.

A moda

Sempre tentadora, a moda em chegando o princípio das estações atrae as atenções de todas as mulheres e não ha senhora que se não interesse pelo que Paris o grande centro de modas decretou.

Hoje não ha como antigamente a cegueira absoluta pelos decretos de Paris em questões de modas. Um novo centro se eleva: Hollywood. Hoje o cinema está sendo um divulgador da moda creada pelas jovens e lindas artistas que dominam o mundo, atravez do «écran». Essa moda inspirada talvez nos decretos de Paris, tem no fundo uma originalidade e um tom que são bem seus e um pouco americanisados.

E' interessante observar como se modifica no mundo a opinião e como até aqui não havia uma senhora elegante que admitisse uma moda que não fôsse creada em Paris.

A moda que não fôsse parisiense não era considerada «chic». Hoje a mais exigente das elegantes, adopta sem hesitação as modas lançadas pelos grandes nomes das «estrelas» do cinema.

Damos hoje algumas elegantíssimas «toilettes» lançadas por essas conhecidas artistas.

Um dos modelos usado por Rosalind Reith é uma linda «toilette» para chá em seda grossa preta dum gracioso e original feitio. Um chapeu em «flamond» duma elegância requintada, e uma grossa cadeia de ouro completam a «toilette».

A carteira em camurça tem a originalidade de ter um relógio rodeado de diamantes dum «chic» muito original.

Para ceremónia um «tailleur» em veludo preto, por dentro do casaco uma blusa em renda branca. Uma grande capeline em veludo preto, guarnecido por flores realça a beleza delicada de Frances Drake.

Como abafo do maior «chic» e elegância temos o que é usado por Jeanette Mac-Donald em «pat de Kid». Um gracioso chapelinho em veludo preto duma forma novíssima torna delicioso, o encantador conjunto.

Para casaco de desporto temos um lindo modelo da maior originalidade em «tweed». No corte está todo o «chic» dêste casaco, as mangas «raglan» tem a costura uma maneira, original, em baixo um canhão largo e bem lançado, fazenda castanha faz uma sáia muito simples, o chapeu em «flamond» castanho tem a forma simples e graciosa que a moda recomenda. Mary Carlisle a graciosa artista da Metro-Goldwin dá á «toilette» a sua graça simples e elegante.

Para a noite um abafo ligeiro em veludo preto e raposa. Esta pequena capa é dum «chic» elegantíssimo e do mais fino gôsto como aliás o são em geral as «toilettes» de Magde Evans, que com a sua elegância da maior distinção tem a habilidade de marcar com a sua maneira de vestir, tão séria e senhoril.

Qualquer destas elegantes mulheres nas suas «toilettes» tão diferentes e tão variadas dão a nota do que é a elegância das artistas de cinema na sua vida íntima e particular.

Na pelicula a moda impõe-lhes «toilettes» espaventosas, que nem sempre se ligam com a sua maneira de sentir, porque se vê nestas modas tão simples, tão elegantes, que usam na sua vida de todos os dias, que mostram bem a gentileza do seu espírito senhoril.

Porque é na maneira de vestir que se nota o «chic» interior da mulher porque da maneira de ser da sua alma e da sua sensibilidade se pode julgar vendo a maneira de se arranjar, como o adorno do seu corpo assim deve ser a sua alma.

A elegância sobria e distinta é a que na verdade agrada ás mulheres que sabem fazer valer a graça e a elegância da sua figura. Esta elegância é a que é apreciada por todas as pessôas de bom gôsto e a que marca sempre como a de melhor tom.

A mulher na arqueologia

Há estudos que apesar de não ser essa a opinião de muita gente estão indicados para a mulher. A arqueologia é um deles. Nada mais interessante para um espírito de mulher sempre com o passado porque sente nele a ligação com o presente e com a pátria. A mulher é fundamentalmente patriota e agarrada ao passado, porque, ela vive muito do sentimento e êsse sentimento faz com que aprecie mais o conhecimento do que já existiu antes da nossa vinda ao mundo.

Mademoiselle Marcelle Boud, do Instituto Francês do Cairo, é um exemplo desta verdade. Duma inteligência e cultura vastíssimas Mademoiselle, Boud dedicou toda a sua inteligência e a sua invulgar cultura, a estudos de arqueologia e não podia ter escolhido melhor meio, para as suas investigações e aturados estudos do que o Egito de onde regressou ha pouco duma das suas numerosas viagens a êsse maravilhoso e interessantíssimo país.

Desenhista exímia, pintora e arqueóloga, esta senhora possue as qualidades principais para êsses estudos tão interessantes como difíceis.

Como artista emerita que é, a distinta arqueóloga reproduziu os desenhos dos túmulos da 18.ª e 26.ª dinastia, isto é, duma época que começa 1540 anos antes da vinda ao mundo de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja dez séculos antes da guerra de Troia, na Ásia e muito antes da idade de ferro na Europa.

Fez uma interessante exposição que lhe mereceu uma consagração oficial, o que aliás já lhe tinha sucedido em 1926 quando fez a sua primeira exposição no museu das Artes Decorativas.

E' uma consagrada Mademoiselle Boud que abriu caminho, e, uma luminosa estrada se lhe póde chamar, ás mulheres a quem interesse o estudo da arqueologia que o espírito metódico e investigador da mulher pode fazer realçar.

A arqueologia que tantos amadores tem entre nós ainda não ilustrou nenhum nome feminino.

O cinema e as crianças

Porque se não realizam entre nós, nos cinemas, *matinées* educativas para as crianças? Estamos no princípio do inverno, e ás quintas-feiras e domingos as crianças tem os seus dias feriados, que quando está mau tempo não sabem como passar, o cinema está indicado, mas não o cinema que se dá em *matinées*, agora.

Há muito que o Conselho Nacianal das mulheres helénicas organizou, em Atenas, sessões cinematográficas duas vezes por semana, os programas são elaborados debaixo da sua direcção.

O preço das entradas é módico e os colégios de beneficência tem entrada gratuita.

Este exemplo devia ser seguido por todos os países, para evitar que as crianças frequentem sessões de cinema, que prejudiquem as suas inteligências muito vivas e a tenra sensibilidade das suas almasinhas em flor.

O cinema como algumas vezes se vê prejudica aos adultos, quanto mais a sensível imaginação das crianças. Numas os filmes dos «gangsters» e outros, produzem terror, mas outras há que tem em si perigosos germens, que se desenvolvem com êsses espectáculos repelentes. Pensemos na creança, na sua inocência tão bela, e, protejamos a sua delicadeza evitando os espectáculos nocivos.

Higiene e beleza

Para conservar a beleza e não perder a frescura não há melhor receita do que uma vida muito regrada e higiénica. Na alimentação deve haver o maior cuidado para conservar a cutis fresca e uma pele assetinada. Nunca carregar muito o estômago porque congestiona.

Não usar cinta muito apertada porque prejudica a circulação e provocando vermelhidão no nariz. Usar um calçado prático sem exagêro nos tacões o que além de ser péssimo para a saúde, já não é elegante nem moderno.

Na alimentação ter o cuidado que seja variada não fazendo a base dela, a carne. Os vegetais e a fruta são muito recomendadas.

Deve haver o maior cuidado em fazer todos os dias exercício. Isto não quer dizer que as pessôas se cansem, pelo contrário deve ser feito sem fadiga e de forma a que seja o mais proveitoso possível. Andar a pé é o exercício mais recomendável que há e nenhum pode ser mais útil. Mas andar com cautela sem apressar demasiado o passo respirando bem e fundo. Um passeio a pé todos os dias com chuva ou sol é melhor para a beleza que todos os cosméticos.

De mulher para mulher

Violeta: Tem razão a sua carta deu-me um grande desgôsto. Há anos que o seu pseudónimo cai na minha mesa de trabalho, trazendo-me o subtil perfume da sua vida de rapariga. Não esqueço a sua ingénua consulta quando casou, e não posso compreender que assim mudasse. Reflicta ainda é tempo, visto que seu marido nada sabe e não dê êsse irreparável passo. Lembre-se de seus pais, o divórcio não se faz por futilidades dessas e a sua carta faz-me entrever, com a maior pena, que vai no pior dos caminhos. Seja corajosa e cumpra o seu dever, as fantasias tem o pior resultado.

FIGURAS E FACTOS

Casa Pia de Lisboa — O Chefe do Estado, ladeado pelos srs. ministro do Interior, general Amilcar Mota, dr. Cristiano de Sousa, Cortez Pinto e Aquiles Teixeira, presidindo a cerimónia inaugural do novo ano lectivo da Casa Pia de Lisboa. No final o sr. general Carmona procedeu à distribuição de prémios aos alunos mais classificados, visitando também as dependencias dêste modelar estabelecimento de ensino e a exposição de trabalhos escolares.

O Vice-Lord Maior de Dublin — A bordo do paquete «Alca» chegou a Lisboa o sr. Patrick Belton, vice-lord maior de Dublin. A nossa gravura apresenta o ilustre visitante com o sr. general Daniel de Sousa, presidente da Câmara Municipal, que quis mostrar-lhe alguns dos mais belos pontos da nossa capital. O passeio terminou na estufa fria do Parque Eduardo VII, onde foi oferecido um chá ao visitante, que partiu, no dia seguinte, levando uma mensagem do Município de Lisboa ao povo de Dublin

A Liga de Acção Católica Feminina — A recepção que o sr. Cardial Patriarca deu ás senhoras da L. A. C. F., vendo-se o estandarte que recebeu a benção patriarcal. O ilustre principe da Igreja fez uma brilhante alocução ás senhoras presentes, encorajando-as a continuarem na sua propaganda

Homem Cristo

O formidável panfletário de Aveiro acaba de publicar o 3.º volume das «Notas da minha vida e do meu tempo» em que a história política dos últimos cinqüenta anos é posta a nú sem eufemismos nem rodeios. Tratando de expôr as suas memórias, Homem Cristo evoca todos os assuntos palpitantes que observou, tudo numa prosa sempre vigorosa e semeada de sarcasmos que, atrai e embriaga como um vinho azedo mas capitoso. Ler êste livro de Homem Cristo é ter presente e em tôda a flagrante verdade o que os cronistas deturpam muitas vezes por piedade ou conveniência

Rocha Martins

Mais um livro de Rocha Martins, o historiador querido das multidões. Desta vez trata-se de Bocage, o formidável génio que o nosso povo nunca soube compreender, conhecendo-o apenas por algumas piadas que espiritos acanhados e invejosos lhe atribuiram. Cumpria a Rocha Martins explicar a verdadeira figura do poeta. Eis o que êle faz nêste seu último livro que empolga desde a primeira à última página

Mercedes Blasco

«Mel e Fel» é o título do novo livro de Mercedes Blasco — a inspirada autora da «Musa histérica», «Versos de mulher» e tantos outros volumes — uns trinta talvez — em que se patenteiam os seus extraordinários dotes de escritora. Na obra de Mercedes Blasco cintilam qualidades prodigiosas que por um prodígio se ligam e harmonizam: à prosa vigorosa, bem talhada e perfeita, junta-se a poesia melodiosa dos anjos.

Um missionário, tendo caído numa tríbu de antropófagos pregunta ao régulo:

— Posso saber qual é o lugar que me destina?

— O usual. A seguir ao peixe.

■

Ela: — Há seis meses que somos casados e conheço que já não gostas de mim.

Ele: — Mas, minha querida, eu...

Ela: — Não te canses a negá-lo que é escusado para mim. Devias ter casado com uma mulher mais estúpida do que eu, se quisesses convencê-la de semelhante coisa.

Ele: — Então, minha querida, a culpa não foi minha. Fiz bem a diligência, mas não a encontrei.

■

— Entendo que é prejudicial para um homem casado o hábito de jogar.

— A quem o dizes! Mais que prejudicial: chega a ser idiota: Se perde, a mu-

— O senhor está louco... Não sabe ainda a idade que tenho, e insiste em declarar-se...
— Pode dizer à vontade. Prometi ser corojoso...

lher descompõe-no; se ganha, confisca-lhe o dinheiro que ganha.

■

Uma recem-casada para o marido:

— Quando nos casamos prometeste que o meu mais simples desejo seria uma ordem para ti.

— E estou ainda da mesma opinião. Mas como todos os teus desejos são sempre complicadíssimos, estou ainda para decifrar qual deles seja o mais simples.

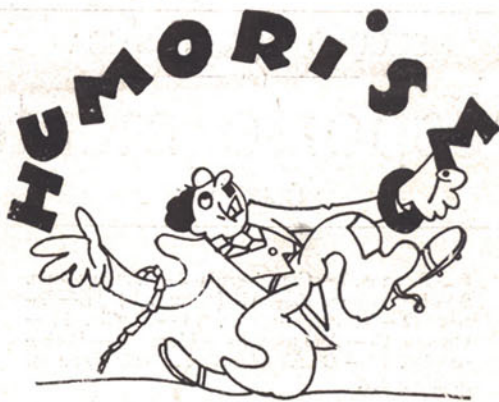
■

— V. Ex.ª joga o *bridge?* — preguntou Madame Seabra a uma outra senhora na sala do casino.

— Sim, minha senhora. Jogo-o tôdas as noites.

— A dinheiro?

— Já se vê.

— Deve ser uma distracção muito cara.

— Não é. Perco uma noite, mas na seguinte ganho...

— Sim? Pois eu se estivesse no seu lugar, não o jogava tôdas as noites. Jogava-o só nas noites em que ganhasse!

■

Numa aula de literatura, o professor que tem grande predilecção pelo autor do "Paraíso perdido", pregunta ao aluno:

— Sabe de que doença padecia Milton?

— Doença... doença... não sei... — titubiava o rapaz.

— Sabe, sim — insistia o professor — uma doença que o forçava a ditar às filhas o que ia pensando para que esta os escrevessem... Já vê que é fácil atinar com a doença.

— Ah! já sei! — exclama o aluno — era poeta?

■

Um indivíduo, para se dar ares de erudito, dizia para várias pessoas amigas que o visitaram:

— André Chénier tinha tal presença de espírito que, ao subir à guilhotina, soltou uma frase famosa.

Todos se embasbacaram ante tanto saber. Nisto a mulher do sabichão que costumava contrariá-lo em tudo e por tudo, saiu-se com esta:

— Olha que estás enganado, menino. Ele não disse isso ao subir o patíbulo. Foi ao descer.

■

Uma senhora ajustando a nova criada:

— E porque saiu da casa onde estava?

— Porque o patrão me deu um beijo.

— E você não gostou que êle fizesse isso?

— Cá por mim, não me importei. Quem não gostou foi a senhora.

■

Uma senhora idosa, assustadiça e nervosa enfada o seu médico assistente com mil e uma preguntas tão tolas como ela.

— Depois do divórcio, meteste um criado?
— Não. Aquele é o meu antigo marido que vem pagar com serviços a pensão a que foi condenado.

— Diga-me, senhor doutor, esta tosse pode ter más conseqüências?

— Não, minha senhora.

— Não correrei o perigo de morrer sufocada?

— Receio bem que não! — rugiu o clínico exasperado com tanta pregunta.

■

Num carro electrico, cujos lugares estão todos ocupados, entra uma senhora muito gorda. Um cavalheiro magríssimo, desejando mostrar-se obsequiador, diz para os restantes passageiros:

— Algum dos senhores quer ter a bondade de se unir comigo para oferecermos um lugar a esta senhora?

■

— Então a sr.ª D. Engrácia aceitou-a como criada, quando lhe disse que tinha servido em minha casa durante três meses?

— É verdade, minha senhora.

— Pois estranho. Até agora não veio tirar informações.

— Pois foi assim mesmo. Até me disse que uma criada que conseguisse conservar-se aqui durante três meses, era com certeza um anjo.

— Sou forçado a deixar de fumar. Faz-me mal.
— Ao estômago?
— Não. Aos rins, visto ser preciso baixar-me para apanhar as pontas.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 71

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; e Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, pelo Sr. Cap. do S. A. M *Jaime Rebêlo Espanha.*

Dentre as inúmeras espécies de léxicos e auxiliares de que o charadista tem de se socorrer para eficientemente conseguir ou realizar os seus intentos sobressaem, pela grande variedade, ùltimamente bastante divulgada — sem fins charadísticos pròpriamente ditos, mas servindo-os à maravilha — especialmente os adagiários e rifoneiros.

Coube agora a vez ao Sr. Cap. Jaime Rebêlo Espanha de nos apresentar um novo tratado dêste género, o qual vem enriquecer sobremaneira, com os novos e valiosos subsídios que contém, a matéria.

Não quís o autor, que de admirável paciência se soube revestir para a consecução da sua obra, limitar-se, por assim dizer, a imitar, representando por isso o seu trabalho uma autêntica criação dentro da velha matéria

Porque, dentro da nossa missão de director charadístico, não podemos deixar passar sem reparo a publicação de obras desta natureza, tão valiosas quão úteis ao charadismo e aos charadistas, aqui a apresentamos aos nossos distintos colaboradores e a todos recomendamos a sua aquisição, na certeza de lhe prestarmos um inestimável serviço.

Ao Sr. Cap. Jaime Rebêlo Espanha os nossos mais entusiásticos e sinceros louvores, não só pela gentil oferta da sua interessante obra como pelo prestimoso auxílio que acaba de prestar aos charadistas portugueses e brasileiros.

O Dicionário está à venda em tôdas as livrarias.

APURAMENTOS

N.º 62

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

OLEGNA
N.º 18

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ZIÚL
N.º 16

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 11, João Ninguém; n.º 15, Moreninha.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 18 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, Rei Mora, Ti-Beado.

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 15. — Salustiano, 15. — Rei Luso, 15. — Só-Na-Fer, 15. — Só Lemos, 13. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 13. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 12. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. — D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 6. — Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 — Risa-sada-risada. 2 — Ido-dolo-ídolo. 3 — Mestra-traço mestraço. 4 — Piaca. 5 — Combate. 6 — Peruana. 7 — Canada-cada. 8 — Lôbrego-logo. 9 — Loçara-lora. 10 — AX (A mais X). 11 — Latria. 12 — Caso-soar-casoar. 13 — Patada. 14 — Olhado. 15 — Animoso. 16 — *Nana.* 17 — Pecho-so-pêso. 18 — *Do Natal a Santa Luzia cresce um palmo o dia.*

VALIOSO CONCURSO

Charadas a prémio

No intuito de tornar quanto possível conhecido dos charadistas portugueses e brasileiros o *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios,* a fim de poderem avaliar da sua utilidade e alcance no charadismo, na parte em que êle tem de intervir, teve o seu autor, o Ex.mo Sr. Capitão Jaime Rebêlo Espanha, a gentileza de nos oferecer alguns exemplares da sua esplêndida obra para serem sorteados entre os decifradores de uma charada a publicar nesta secção com intervalos de 4 meses, a fim de permitir que possam concorrer decifradores do Brasil, Colónias e Ilhas.

Êste interessante e útil concurso inicia-se no presente número.

A PRÉMIO

PRÉMIO: Um *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios,* a sortear entre os decifradores.

NOVÍSSIMA

Mesmo em frente da janela
Da minha repartição
Tive a grata sensação
De vir a encontrar aquela
Que roubou meu coração.

Fito por acaso um dia
Da janela a minha diva.
Mostra-se bastante esquiva...
Mas seu olhar inebria,
Transtorna a alma e *cativa.* — 3

E depois, dias inteiros
Não me canso de a olhar,
Porque sinto o bem-estar
Que nos dão os verdadeiros
Amores ao começar...

Acaba o dia — e que *pena* — 1
Invade logo o meu peito!
E à noite, quando me deito,
Em sonhos vejo a pequena,
Graciosa no seu jeito!

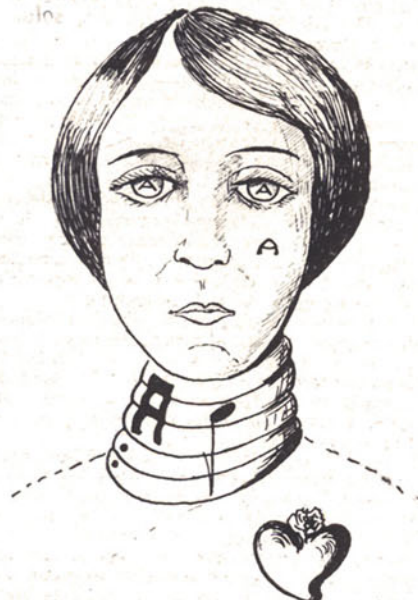
Mas certa vez à janela
Não mais veio a moreninha,
Que então era já só minha...
Foi-se a alegria com ela,
E essa linda janelinha,

Espelho do meu encanto,
Nem reflecte o ente amado...
Quando recordo o passado
Sofro imenso e verto pranto,
Porque estou «*apaixonado*»!

Lisboa — + + +

NOTA: *A decifração deve estar em nosso poder no prazo de 120 dias e deve ser enviada em separado — e não incluída na lista geral de decifrações.*

TRABALHOS DESENHADOS

12) ENIGMA PITORESCO

Biscaia-Alb.-a-Velha — *Olegna*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *origem* do barulho foi o *tecido* molhar-se na *pequena nascente.* (2-2) 3.

Luanda — *Conde de Monte Cristo (A Santo António)*

2) Na sua *vivenda* encontrei uma *pessoa gorda* com o meu *fraque.* (2-2) 3.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

METAGRAMA

3) Dessa *maneira* é que os da tua *classe* se juntaram num *montão* e fizeram *zombaria* da minha *forma* de escrever. (4-5).

Lisboa — *Rei Vax*

NOVÍSSIMAS

4) A *ventania* é terrível; *sopra* com tanta fôrça que aumenta a *azáfama* dos marinheiros. 2-2.

Luanda — *Conde de Monte Cristo (A D'Artagnan Jr.)*

5) O teu aspecto *demonstra* que sentes *remorso* pela venda que fizestes do *balcão.* 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C).*

SINCOPADAS

6) «*Assento*»-me no *assento.* 3-2.

Bibi (Abexins)

7) Naquela *morada reles* encontra-se o *legado* triste duma inteira dinastia de miseráveis. 3-2.

Luanda — *D'Artagnan Jr. (L. A. C. — T. E.)*

8) A *usura* cega o avarento; o ciúme faz ver demais ao *namorado.* 3-2.

Ponta Delgada — *Jobema (.. — L. A. C. — T. E.)*

9) Quis *mão de vaca* porque tinha *vontade* de comer. 3-2.

Lisboa — *Négus Veiga (Abexins)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

10) Se entre letra colocar
Nove vezes um sinal,
Fàcilmente há de encontrar
Ornamento sem igual.

Lisboa — *Mariazinha*

11) — Ela já não está na prisão,
Porque obteve *absolvição.*

— Êle, o inventor de charas,
Só dorme em *leito de varas.*

— No aumentativo é «*barco*»
Que é difícil ir ao charco.

Luanda — *Ti-Beado*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Casino do Estoril

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no salão do restaurante do Casino Estoril, a festa de caridade a favor da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril, recebemos com o pedido de publicação a nota da receita e despesa da mesma festa. *Receita* — 7.330$00. *Despeza* — 2.333$90. *Receita liquida* — 4 996$10.

Almôço

O sr. Oliveira Cezar, ilustre consul geral da Argentina em Lisboa e sua esposa, a sr.ª D. Lucrécia Oliveira Cesar, que se encontram hospedados no Palácio Hotel, do Estoril, ofereceram no salão de meza do mesmo hotel, um almôço íntimo a várias pessôas das suas relações, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria.

Jantar

Ofereceu no salão privativo do primeiro andar do restaurante Café Tavares, um jantar íntimo a várias pessôas das suas relações, o sr. Conde de Juncal, o qual decorreu sempre no meio da maior animação tendo-se no final trocado afetuosos brindes.

Casamentos

Pela sr.ª D. Fernanda Vilalva de Magalhães e Menezes Van Zeller, esposa do sr. Fernando Van Zeller, foi pedida em casamento para seu filho Rolando, a sr.ª D. Maria de Lourdes Voodhouse Kendall, gentil filha da sr.ª D. Maria Izabel Voodhouse Kendall e do sr. Augusto Kendall, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paroquial dos Anjos, presidido pelo prior de S. Jorge, de Arroios, reverendo cónego dr. Martins Pontes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, realizou-se com a maior intimidade, devido ao recente luto da família do noivo, o casamento da sr.ª D. Júlia Fernandes Silva, com o sr. Manuel António Guerreiro Violante, servindo de madrinhas as sr.as D. Hiponina Guerreiro Violante de Matos e D. Elisa Castanheira de Moura, e de padrinhos os srs. António Castanheira de Moura e Tito Gerardo Batoreo. Finda a cerimónia foi servido no salão de meza do Avenida Pálace, oferecido pela sr.ª D. Eliza Castanheira de Moura e por seu marido o sr. António Castanheira de Moura, um finíssimo almôço, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande numero de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Celeste Cotrim Torres Fevereiro, para seu irmão o sr. Américo Cotrim, a sr.ª D. Maria Angela Ressano Garcia de Azevedo Enes, gentil filha da sr.ª D Judite de Azevedo Enes e do sr. José Ressano Garcia de Azevedo Enes, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Com a maior intimidade, devido a um luto recente, realizou se o casamento da sr.ª D. Maria Frederica Ferreira de Simas, interessante filha da sr.ª D. Assunção Ferreira de Simas e do coronel sr. Ferreira de Simas, com o sr. Francisco Alves de Azevedo, filho da sr.ª D. Maria Alice Lobato de Faria de Almeida Alves de Azevedo e do sr. dr. Francisco Alves de Azevedo, já falecidos, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria Carolina Baia Amado e o sr. dr José Gonçalves e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Violante Lobato de Faria Gonçalves e o sr José Henriques Gonçalves, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Em Coimbra realizou-se na capela do Loureto, o casamento da sr.ª D. Laura Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Tereza Rosa Ferreira, já falecida e do sr. António Ferreira, com o sr. Francisco Rodrigues Pinto, filho da sr.ª D. Maria Alves Pinto e do sr. Joaquim Rodrigues Pinto, servindo de madrinhas as sr.as D. Ilda Ferreira, irmã da noiva e D. Maria Alves Pinto Cravo e de padrinhos os srs. José Carlos de Sá, cunhado da noiva e Augusto Francisco Dias, presidindo ao acto o prior de Santa Cruz, reverendo Abílio Ozório, que pronunciou no fim da missa uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante vivenda do pai da noiva, «Vila Ferreira», um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial de Oliveira de Frades, o casamento da sr.ª D. Aldinı Martins, interessante filha da sr.ª D. Augusta Martins e do sr. Custódio Martins, com o sr. dr. Eurico Gomes de Almeida, filho da sr.ª D. Palmira de Almeida e do sr. Raul de Almeida, servindo de madrinhas a sr.ª D. Laura Neves e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. coronel António Neves e o major Aníbal Branco, sendo o acto presidido pelo reverendo prior da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma comovente alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas

— Na paroquial de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.ª D. Natália Rodrigues Dias das Neves, gentil filha da sr.ª D. Alice Palmira Rodrigues das Neves, e de António Rodrigues das Neves, já falecido, com o sr. Francisco Correia, filho da sr.ª D. Inezia da Encarnação Correia e do sr. Manuel Joaquim Correia, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Celeste Rodrigues Matos Sequeira, prima da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Joaquim Germano Matos Sequeira, primo da noiva e o pai da noiva.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Pelo reverendo Domingos Duarte Pinheiro, reitor de S. Pedro de Alvito, Barcelos, foi pedida em casamento para o sr. António Afonso Pereira Branco, distincto quartanista do Instituto de Agronomia de Lisboa, a sr.ª D. Maria Angela de Oliveira Albuquerque, interessante filha da sr.ª D. Mariana de Oliveira Albuquerque e do sr. José Martins de Oliveira Albuquerque, tesoureiro da Câmara Municipal de Braga, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Realizou-se no Pôrto, na paroquial de Bonfim, o casamento da sr.ª D. Alzira Martins Pinheiro, gentil filha da sr.ª D. Carolina Emília Pinheiro, e do sr. Manuel Martins Pinheiro, com o sr. Florindo Marques da Silva Rola, filho da sr.ª D. Rosa Alves da Silva Rola e do sr. Francisco Marques Rola, tendo servido de padrinhos os tios dos noivos sr.ª D. Celestina Marques Lima e o sr. Joaquim Marques Rola, presidindo ao acto o prior da freguezia reverendo José Maria Francisco dos Santos, amigo íntimo da família do noivo, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Braga, onde fôram passar a lua de mel, seguindo dali para Lisboa, onde embarcaram para o Rio de Janeiro, onde vão fixar residência.

— Para o sr. Mário Pereira, filho do sr. Manuel Pereira, foi pedida em casamento pelo sr. Carlos Sérgio Fernandes, a sr.ª D. Filomena da Cunha, interessante filha da sr.ª D. Laura da Cunha e do sr. Agostinho José da Cunha, devendo a cerimónia realizar-se no mês de maio do próximo ano.

— No Templo de Sameiro, em Braga, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Ana Jacome de Sousa Pereira de Vasconcelos, gentil filha da sr.ª D. Rosa Emília de Faria Girão de Sousa Pereira de Vasconcelos e do sr. Jacome de Sousa Pereira de Vasconcelos, já falecido, com seu primo o sr. dr. José de Abreu de Magalhães Pereira Coutinho, filho da sr.ª D. Maria de Magalhães Barros Pereira Coutinho e do sr. José de Abreu de Lima Pereira Coutinho, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. António de Sousa Faria Girão, tio materno da noiva e o dr. Francisco de Abreu de Magalhães Pereira Coutinho, irmão do noivo, tendo presidido ao acto o reverendo arcipreste e cónego da Sé de Braga Celestino de Figueiredo, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido na Casa de Avelar, residência da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para a Curia, onde fôram passar a lua de mel.

— Em capela armada na elegante residência da sr.ª D. Ricardina de Seabra Castel-Branco e do sr. dr. José da Silva Castel-Branco, em Idanha-a-Nova, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Celeste, com o sr. dr. António Lúcio Teixeira da Silveira, filho do sr. dr. João António da Silveira, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Emília Ramos Castel-Branco, cunhada da noiva e D. Maria Balbina Teixeira da Silveira, irmã do noivo e de padrinhos o sr. dr. José de Seabra Castel-Branco, irmão da noiva e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Ponte de Lima, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial das Mercês, o casamento da sr.ª D. Cristina da Conceição de Campos, com o sr. Jorge Maria Elder Sá-Chaves, filho da sr.ª D. Beatriz Augusta Alves Elder Sá-Chaves e do sr. José Maria de Oliveira Sá-Chaves, servindo de padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Beatriz Conceição de Campos dos Santos e o nosso camarada da «Voz», Martins dos Santos e por parte do noivo sua cunhada a sr.ª D. Aida Couceiro da Costa Adrião Sá Chaves e seu irmão o sr. Mário Jorge Elder Sá-Chaves, tendo presidido ao acto o prior da freguezia que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminado a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da noiva, recebendo os noivos um grande número de artisticas e valiosas prendas.

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realisou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Cremilda Rodrigues, gentil filha da sr.ª D. Luiza Augusta Rodrigues e do sr. Miguel Rodrigues, com o sr. Abílio dos Santos, filho da sr.ª D. Luiza Maria dos Santos, e do sr. Joaquim Francisco dos Santos, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Ester da Gama Cruz Ferreira e da sr.ª D. Eliza Romana Vidal Braz, e de padrinhos os srs. Artur Tomé de Oliveira e Manuel Alvaro Braz.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Alice Carneiro de Mendonça Côrte Real, esposa do sr. Filipe de Mendonça Côrte Real, sendo seu médico assistente o distinto cirurgião sr. dr. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filho estão felizmente bem.

— A sr.ª D. Rafaela Ribacoya Ribeiro de Melo, esposa do sr. Luís João Bou de Sousa Rego Ribeiro de Melo, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente de saude.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Luiza Maria de Guimarães Biel do Amaral Pirrait, esposa do sr. dr. António Maria do Amaral Pirrait, ilustre assistente do Instituto Nacional do Trabalho e Providência. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Na Maternidade Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Montalvar Cunha, esposa do distinto clínico sr. dr. Silvino Cunha, sendo seu médico assistente o ilustre cirurgião professor Cabral Sacadura. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso na Guarda, a sr.ª D Maria Patrício Sena Belo, esposa do sr. dr. Joaquim Sena Belo, e filha da sr.ª D. Maria Sarmento Patrício e do sr. dr. Ladislau Patrício. Mãe e filha encontram-se felizmente de saúde.

D. Nuno.

Bridge

(Problema)

Espadas — R. V. 4.
Copas — — — —
Ouros — 10.
Paus — 8, 7, 2.

Espadas — D. 10, 9, 8.	N	Espadas — — — —.
Copas — — — —.	O E	Copas — D. 10, 6.
Ouros — 2.		Ouros — 9, 6, 5, 4.
Paus — R. D.	S	Paus — — — —.

Espadas — 6.
Copas — A. R. V.
Ouros — 8, 7.
Paus — 9.

Sem trunfo. *S* joga e faz seis vasas.

(Solução do número anterior)

S dá três trunfadas de 10, Az e Rei.

S joga o 7 de espadas, *N* o 10 de espadas, *E* tem de jogar Dama ou Az, aliás não faz vasa em espadas por estas serem cortadas por *S*, e só faz Az de ouros e Az de paus de qualquer maneira que jogue.

E joga, portanto, Az de espadas. Se repete espadas abona o Valete de espadas de *N*, baldando se *S* a ouros; se joga paus ou ouros, abona os Reis e as Damas dêsses naipes a *N* e a *S*.

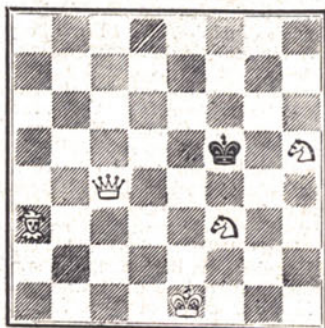
Combinando as baldas e cortes, *N* e *S* teem as 9 vasas asseguradas, fazendo *E* apenas os 3 azes.

Registrador telefónico

Um inventor vienense, utilisando o princípio do fonógrafo e substituindo o disco por uma fita, construiu recentemente um dispositivo que registra automáticamente tôdas as conversas tefónicas, começando pelo número pedido.

Xadrez

(Problema por L. Meyer)

Brancas 5 Pretas 1

Mate em três lances

A sêda

A primeira que apareceu na Europa fêz supôr que se tratava dum produto vegetal, como o linho, o algodão, o canhamo, o sizal, etc. Os romanos, apesar da sua civilisação, assim a supunham. Importavam a sêda da Persia, que a recebia da China, região para êles desconhecida.

Uns monjes grêgos, no tempo de Justiniano, levaram a Constantinopla os sirgos ou bichos da sêda, e aninaram o cultivo das amoreiras, assim como tudo o mais que dizia respeito ao fabrico daquêle precioso tecido.

Rogério, da Sicília, chamou em 1030 a Palermo artífices grêgos que ensinaram esta indústria, a qual dali passou à Itália e à Espanha, entrando em França no reinado do grande Henrique IV.

Que objecto será?

Solução

O objecto que se pretendia encontrar, era, como se vê, um simples funil.

Monomanias

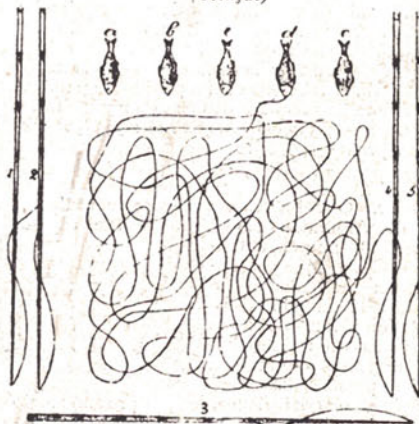
Há monomanias extraordinárias. Por exemplo: Areteu fala de um doente que, julgando-se de barro não queria beber água para se não desfazer! Sanchez fala de outro que teimava que era de vidro, e conservava-se sempre sentado e quieto para se não quebrar. Um distinto médico do século XVII, Gaspar Barlêo, julgava que o seu corpo era de manteiga, e fugia do calor com medo de se derreter. O célebre abade Molano, de Hanover, julgava-se transformado em grão de cevada; e, com medo das galinhas, não saía de casa.

Há maniacos que chegam a julgar-se mortos; e entre eles, citam-se Filipe V de Espanha, e um filho do grande Condé.

Este chegou a não comer por se considerar morto; o seu médico, Fiant, não sabia como obrigá-lo, quando se lembrou de lhe apresentar um certo número de pessoas que se fingiram mortas e comeram em sua presença.

Esta estratagema aproveitou, mas assim mesmo não quiz daí em diante comer senão em companhia dos seus defuntos companheiros.

Os peixes e as canas

(Solução)

Pela gravura se vê claramente a solução.

A linha mais comprida era a que ia desde o peixe D até à cana 4.

A casa do silêncio

O grande jornalista americano, proprietário do jornal «World» Mr. Pulitzer, falecido há uns vinte anos, tinha verdadeiro horror ao barulho.

Antes de se decidir a viver permanentemente no mar, a bordo de seu magnífico *yacht*, tinha mandado construir nos arredores de Nova-York uma casa circular, semelhante pelo seu aspecto exterior a uma praça de touros pequena. Esta casa tinha no meio um grande pátio circular, em cujo centro se erguia a verdadeira vivenda do jornalista milionário, na qual não havia senão três quartos: uma alcova, um quarto de banho e uma salinha.

Todos os aposentos eram atapetados e o pavimento do pátio era de borracha. Além disso, a casa circular não tinha janelas exteriores, de forma que no seu recinto não se ouvia o mais leve ruido.

A idade do casamento

Os judeus consideravam capazes de casar rapazes de 13 anos e um dia, e raparigas de 12 anos e um dia. Admitindo casos de precoce desenvolvimento, 9 anos e um dia para o sexo masculino e 8 anos e um dia para o feminino.

Em Esparta, o homem só era considerado capaz de casar aos 37 anos, e em Atenas aos 35.

Em Roma, a idade exigida era de 14 anos para os homens e 12 para as mulheres.

A mulher na Índia podia casar aos 8 anos.

— Sabe, que vou deixar a minha situação de secretaria.

— Que me diz! Sério? Pois tenho a certeza que o sr. Oliveira não arranja outra secretária que seja tão interessante... tão atraente...

— Ah! não arranja, não, isso lhe garanto eu. Vou casar com êle! — (Do «Humorist».